

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

ANA CAROLINA JACINTO ALARCÃO

O protagonismo do jovem na violência da auto e heteroagressão: da análise à
compreensão do fenômeno

Maringá
2017

ANA CAROLINA JACINTO ALARCÃO

O protagonismo do jovem na violência da auto e heteroagressão: da análise à
compreensão do fenômeno

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências da Saúde - Área de concentração: Saúde Humana.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Dalva de Barros Carvalho.

Maringá
2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANA CAROLINA JACINTO ALARCÃO

O protagonismo do jovem na violência da auto e heteroagressão: da análise à
compreensão do fenômeno

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências da Saúde pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

COMISSÃO JULGADORA

Prof^ª. Dr^ª. Maria Dalva de Barros Carvalho
Universidade Estadual de Maringá-PR (Presidente)

Prof^ª. Dr^ª. Sandra Marisa Pelloso
Universidade Estadual de Maringá-PR (Titular)

Prof^ª. Dr^ª. Raissa Bocchi Pedroso
Universidade Estadual de Maringá- PR (Titular)

Prof. Dr. Nelson Luiz Batista de Oliveira
Universidade Estadual de Maringá-PR (Titular)

Prof^a. Dr^a. Maria do Carmo Lourenço Haddad
Universidade Estadual de Londrina-PR (Titular)

Prof^a. Dr^a. Marina Rezende
Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto -USP-RP(Suplente)

Prof. Dr. Roberto Kenji Nakamura Cuman
Universidade Estadual de Maringá-PR (Suplente)

Prof. Dr. Luciano de Andrade
Universidade Estadual de Maringá-PR (Suplente)

Aprovada em : 15 de dezembro de 2017

Local de defesa: Sala 01, Bloco 126, *campus* da Universidade Estadual de Maringá

DEDICATÓRIAS

Aos meus pais.

À minha mãe, Geni Missura Jacinto, pelo afeto protetivo, minha maior incentivadora, aquela que demonstrou em sua vida amor e apoio sem medida. A você, todo o meu amor.

Ao meu pai, Lindolfo Jacinto Junior, que me ensinou o caminho da persistência; exemplo de integridade e ética, competências primárias para a pesquisa.

Sempre presentes em minha vida, com amor e carinho, dedico-lhes este trabalho.

Aos adolescentes em privação de liberdade.

Os grandes responsáveis pela conclusão deste trabalho, aqueles que se dispuseram a contar suas histórias de vida, histórias estas que me instigaram a refletir sobre a responsabilidade de cada um de nós e me inspiraram a pesquisar e atuar pela transformação social.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela conquista de mais um objetivo e a realização de um sonho.

De início, meus sinceros agradecimentos à minha orientadora, exemplo de pessoa e profissional, Profa. Dra. Maria Dalva de Barros Carvalho. Aquela que me despertou a pensar de forma diferenciada e empreender uma nova realidade, um novo mundo, além do que meus olhos podiam ver. Os ensinamentos através de suas atitudes são tantos que, a cada instante ao seu lado, consigo admirá-la mais. Se consegui enxergar mais longe, é porque estive nos ombros de uma gigante do saber. Além disso, o mais importante de tudo é que aprendi o real significado da palavra educação. Você me fez uma pessoa melhor! A você, meu reconhecimento e eterna gratidão. No que diz respeito às nossas orientações: “nos seus olhos era tanto brilho, que mais que sua aluna, eu fiquei sua fã”. Por fim, obrigada pela serenidade, equilíbrio e sensibilidade no processo de conclusão desse processo.

Ao meu marido, Jefferson Alarcão, pelo companheirismo, compreensão, incentivo e encorajamento durante todo este período. Obrigada por sempre estar ao meu lado. “Amo te amar”! Agradeço, também, aos meus filhos, Lucas e Francisco, sobrinho e sobrinhas pela compreensão dos momentos de ausência e pela oportunidade de experimentar a mais pura forma de amor.

Às minhas irmãs, Letícia e Daniela, obrigada pela torcida, apoio e credibilidade. Nossas conquistas sempre foram em conjunto.

À Profa. Dra. Sandra Pelloso, em especial, meu respeito e admiração pelo exemplo de competência profissional e determinação. Com você vivenciei a mais bela experiência de relação que só faz bem, a qual compreendi o que é empatia na sua mais pura essência. Obrigada pela oportunidade de convívio, pela disponibilidade e grande contribuição e companheirismo no meu percurso e conquistas.

Aos nobres professores que aceitaram participar da minha banca de defesa, Prof^a. Dr^a. Raissa Bocchi Pedroso, Prof. Dr. Nelson Luiz Batista de Oliveira, Prof^a. Dr^a Maria do Carmo

Lourenço Haddad, Prof^ª. Dr^ª Marina Rezende, Prof. Dr. Roberto Kenji Nakamura Cuman e Prof. Dr. Luciano de Andrade, o meu respeito por serem pesquisadores de referência.

Aos colegas do Programa em Ciências da Saúde; em especial, agradeço à Kátia e à Analice pelo apoio e pelos momentos de entusiasmo compartilhados.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde pela oportunidade de aprender com qualidade e, também, aos docentes, pelos valiosos ensinamentos transmitidos.

Especialmente, sou grata à Olívia Cristina Viana Abeche, secretária do programa, exemplo único de eficiência e educação.

Aos pesquisadores João Ricardo Nickenig Vissoci e Eliane Maria Spiecker, agradeço pela dedicação e contribuições valiosas para a conclusão deste trabalho.

Por fim, agradeço especialmente à equipe do CENSE - Centro de Socioeducação de Maringá-PR, que de forma ética e consciente da importância do desenvolvimento de pesquisas científicas, me acolheram e não mediram esforços para a realização desta pesquisa. A vocês, meu respeito, reconhecimento e admiração.

EPÍGRAFE

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele.

(HANNAH ARENDT)

O protagonismo do jovem na violência da auto e heteroagressão: da análise à compreensão do fenômeno

RESUMO

O estudo objetivou analisar os fatores determinantes e a influência do contexto para a prática dos jovens na auto e heteroagressão. As discussões realizadas ao longo desta tese resultam de investigações sobre o envolvimento do jovem na violência sob duas perspectivas: cometimento de suicídio (autoagressão) e a prática de atos infracionais (heteroagressão). A fragmentação das investigações sob dois focos contou com diferentes metodologias que abordassem estudos quanti e qualitativos e possibilitassem a análise e a compreensão do objeto de pesquisa. A primeira pesquisa teve como objetivo analisar a distribuição espacial de mortes por suicídio entre jovens (15-29 anos) no estado do Paraná, Brasil, entre os períodos de 1998-2002 e 2008-2012, e avaliar sua associação com determinantes socioeconômicos. Dados sobre as taxas de mortalidade por suicídio foram coletados nas 399 cidades do estado do Paraná. Os dados foram extraídos dos grupos etários 15-19, 20-24, 25-29 dos dois períodos de tempo avaliados. Foram analisados seis indicadores socioeconômicos e demográficos para cada cidade: educação, renda, desemprego, informalidade, índice de desenvolvimento humano e produto interno bruto. Os dados geoespaciais foram analisados a partir de análise exploratória de dados espaciais (ESDA). Com base nos resultados do Sistema de Informação Geográfica (GIS), aplicaram-se algoritmos de Redes Bayesianas (BN) para explorar a estrutura de rede das relações entre as variáveis. Em ambos os períodos, houve uma diminuição geral das taxas de mortalidade por suicídio no município. Observou-se uma tendência decrescente na frequência de municípios com altas taxas de mortalidade ($\geq 15 / 100.000$ habitantes) entre os grupos etários, exceto entre o de 25-29 anos, no qual houve um aumento das taxas de mortalidade ao longo do tempo. Em todo o estado, alta taxa de mortalidade por suicídio foi observada na mesorregião Centro-Sul em ambos os períodos avaliados. Houve uma associação geoespacial positiva entre os fatores socioeconômicos e as taxas de mortalidade por suicídio, especificamente renda e desemprego durante o primeiro período (1998-2002) e educação, desemprego e emprego informal no segundo período (2008-2012). Este estudo mostrou que a privação socioeconômica foi um determinante importante para o suicídio na população jovem no Paraná e influenciou significativamente a formação de clusters de alto risco. A análise geoespacial identificou áreas-alvo para políticas públicas de combate e prevenção de suicídios, bem como os fatores que

podem ser o foco de políticas especificamente nesses locais. A segunda investigação destacou o protagonismo juvenil na prática da heteroagressão e objetivou analisar as possibilidades emancipatórias ou regulatórias no processo de construção de identidade em adolescentes infratores em uma instituição de medida socioeducativa de internação do estado do Paraná - Brasil. O estudo foi delineado como transversal do tipo qualitativo com base na teoria do Sintagma Identidade-Metamorfose-Emancipação. Foram realizadas entrevistas a partir do método de história de vida com adolescentes emblemáticos e, posteriormente, a análise em redes para verificar os padrões de conexão semântica dos discursos. Concluiu-se que o contexto vivenciado pelos adolescentes se revelou como um fator regulatório da expressão da identidade, impedindo o desenvolvimento da capacidade autônoma e emancipação humana. Esse processo de formação de identidade se torna um cenário favorável para a imersão no mundo do crime e, conseqüentemente, a reincidência criminal. Após análises e discussões dos estudos nos diferentes focos sobre violência praticada por adolescentes, verificou-se que a população jovem está expressivamente suscetível a variáveis socioeconômicas e à influência do contexto tanto no cometimento da auto como da heteroagressão. Enquanto o cenário de privações altamente regulador e opressor fizer parte das vivências, relações e formação da identidade dos jovens, o protagonismo juvenil se perpetuará na prática da violência sem espaço para a emancipação humana. As análises do presente estudo identificaram áreas-alvo de prevenção e combate à prática de suicídios e de atos infracionais na juventude e, também, os fatores que podem ser o foco das políticas públicas.

Palavras-chave: Violência. Jovens. Suicídio. Adolescente infrator. Fatores de risco. Identidade. Causas externas.

The protagonism of the young in the violence of self and heteroaggression: from the analysis the understanding of the phenomenon

ABSTRACT

The study aimed to analyze the determinants and influence of the context for the practice of young people in auto and hetero-aggression. The discussions carried out along this thesis result from investigations into the involvement of adolescents in violence from two perspectives: commit suicide (self-harm) and the practice of infractions (hetero-aggression). The fragmentation of the investigations under two focus counted with different research methodologies that approached quantitative and qualitative investigations and which enabled the analysis and the understanding of the object of research. The first research had as objective to analyze the spatial distribution of suicide deaths among young people (15-29 years) in the state of Paraná, Brazil, between the periods 1998-2002 and 2008-2012, and to evaluate their association with socioeconomic determinants. Data on death rates from suicide were collected in the 399 cities of a southern Brazilian state. Data were extracted from the age groups 15-19, 20-24, 25-29 of the two time periods evaluated. Six socioeconomic and demographic indicators were analyzed for each city: education, income, unemployment, informality, human development index and gross domestic product. Geospatial data were analyzed using exploratory spatial data analysis (ESDA). Based on the results of GIS (Geographic Information System), Bayesian Network (BN) algorithms were applied to explore the network structure of the relations between variables. In both periods, there was a general decrease in suicide death rates in the municipalities. There was a decreasing trend in the frequency of municipalities with high mortality rates ($\geq 15 / 100,000$ inhabitants) among the age groups, except for those aged 25-29 years, in which there was an increase over time. All over the state, a high mortality rate due to suicide was observed in the Center-South mesoregion in both evaluated periods. There was a positive geospatial association between socioeconomic factors and death rates by suicide, specifically income and unemployment during the first period (1998-2002) and education, unemployment and informal employment in the second period (2008-2012). This study showed that socioeconomic deprivation was an important determinant for suicide in the young population in Parana and significantly influenced the formation of high risk clusters. Geospatial analysis identified target areas for public policies to combat and prevent suicides, as well as the

factors that may be the focus of policies specifically at those places. The second investigation highlighted the focus on juvenile protagonism in the practice of hetero-aggression and aimed to analyze the emancipatory or regulatory possibilities in the process of identity construction in juvenile offenders in a socioeducational institution of hospitalization in the state of Parana - Brazil. The study was delineated as a qualitative type transversal based on the Identity-Metamorphosis-Emancipation Syntagma theory. Interviews were conducted using the life history method with emblematic adolescents and subsequently, was performed a networks analysis to verify the patterns of semantic connection of speeches. It was concluded that the context experienced by the adolescents was revealed as a regulatory factor of the expression of identity, impeding the development of autonomous capacity and human emancipation. This process of identity formation becomes a favorable scenario for immersion in the world of crime and consequently the criminal recidivism. After analyzing and discussing the studies in the different outbreaks of violence practiced by adolescents, it was verified that the young population is expressively susceptible to socioeconomic disparities and to the influence of the context in the self commitment as well as the hetero-aggression. As long as the scenario of highly regulator and oppressive deprivation is part of the experiences, relationships and identity formation of young people, youth protagonism will be perpetuated in the practice of violence without space for human emancipation. The analyzes identified target areas for prevention and combat of suicide and juvenile offenses, as well as the factors that may be the focus of public policies.

Keywords: Violence. Young Adult. Suicide. Juvenile Delinquency. Risk Factors. Identity. External Causes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

CAPITULO II

Figura 1- Map of the Parana state with subregions and municipalities.....	33
Tabela 1 - Data Sources for analysis.....	34
Figura 2 - Spatial distribution of cities' suicide mortality rate (SMR) according to their agegroups, with ranges of standard deviation from the average for the delimitation of class intervals, Parana 1998-2002; 2008- 2012.....	38
Figura 3 - LISA univariate analysis: cluster formation according to suicide mortality rate (SMR) by suicide according to their age groups (Types of cluster: high-high; low-low; low-high, high-low).....	39
Tabela 2 - Global Moran's I bivariate coefficient of suicides rates according to the municipality of residence and socioeconomic and demographic indicators in the 1998-2002 and 2008-2012 time periods	40
Figura 4 - Relationship between possible suicide's predictors (A) refers to year 2000 and (B) refers to year 2010, (C)= regression coefficient	41

CAPITULO III

Figura 1 - Rede de conexões semânticas dos discursos dos adolescentes infratores em medida socioeducativa de internação sobre as relações familiares.....	65
Figura 2 - Rede de conexões semânticas dos discursos dos adolescentes infratores em medida socioeducativa de internação sobre a trajetória no mundo do crime	67
Figura 3 - Rede de conexões semânticas dos discursos dos adolescentes infratores sobre a	

vivência da medida socioeducativa de internação.....	69
Figura 4 - Rede de conexões semânticas dos discursos dos adolescentes infratores em medida socioeducativa de internação sobre as perspectivas de futuro.....	71
Figura 5 - Linha cronológica da história de vida de um adolescente infrator em privação de liberdade.....	73

Tese elaborada conforme as normas da ABNT (Capítulo I) e das publicações científicas (Capítulo II): *Revista American Journal of Community Psychology* (Artigo 1), disponível em: [http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1002/\(ISSN\)1573-2770](http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1002/(ISSN)1573-2770); e *Revista Wulfenia* (Artigo 2), disponível em: <http://www.multidisciplinarywulfenia.org/>.

SUMÁRIO

1	CAPÍTULO I	16
1.1	Introdução	16
1.1.1	Suicídio como uma manifestação de autoagressão em jovens: questão de saúde pública global	17
1.1.2	Adolescentes e a prática de atos infracionais: expressões de heteroagressão	19
1.2	Justificativa	20
1.3	Objetivos	21
1.4	Referências	21
2	CAPÍTULO II	28
2.1	Artigo 1: Suicide mortality amongst youth in Brazil: a Spatio-temporal evaluation of socioeconomic vulnerability	29
3	CAPÍTULO III	56
3.1	Artigo 2: Formação de identidade em adolescentes infratores: experiência através de seus próprios olhos	57
4	CAPÍTULO IV	89
4.1	Conclusões	89
4.2	Perspectivas futuras	90

CAPÍTULO I

1.1 INTRODUÇÃO

A violência é um fenômeno complexo e multifatorial considerado como um grave problema de saúde pública marcado por índices crescentes. Em todo o mundo, a violência é um dos principais contribuintes para mortes, doenças e incapacitação, além de uma série de outras consequências sociais, econômicas e de saúde (OMS, 2014). As pesquisas demonstram a relevância do problema no Brasil e evidenciam os jovens como um dos grupos mais vulneráveis à violência, com grande impacto de ameaça à vida (WAISELFISZ, 2014).

O protagonismo de adolescentes na violência tem mobilizado uma série de discussões acadêmicas, sociais e legislativas e tem sido objeto de análises sistemáticas em suas diversas formas de manifestação, tanto na perspectiva de heteroagressão, por meio do cometimento de atos infracionais (DILLON, 2017.; ABDULRAHEEM-MUSTAPHA, 2016.; MULLER, et al., 2015.; BROOKER, 2016.; NILSSON, et al., 2016), quanto na autoprovocada com a prática do suicídio (WYATT, et al., 2015.; CHIN; CHOI, 2015.; WILCOX, et al., 2016.; KARCH, et al., 2013.; BRAGA; DELL'AGLIO, 2013).

Na fase da juventude, considerada como peculiar no processo de desenvolvimento humano, ocorre a plena formação física, psíquica e moral (SEDS, 2013), incrementada pela construção de relações familiares e sociais em busca de autonomia e definição da identidade dos jovens (BEE, 1997.; PAPALIA, D. E; OLDS, S. W; FELDMAN, 2006). Independentemente das diversas nuances e singularidades culturais e históricas que possam existir nessa etapa da existência, a juventude se constitui como um período de grandes mudanças e transições fundamental para o desenvolvimento do ser humano e da sociedade (BOCK, 2004). Nessa etapa do desenvolvimento, há uma tendência a novas experiências e a escolhas impulsivas, repercutindo em alta vulnerabilidade para exposições a riscos (STURMAN; MOGHADDAM, 2011.; LAWRENCE; HESSE, 2010).

É justamente nesse grupo, que representa 26% da população brasileira (WAISELFISZ, 2014), que as manifestações da violência possuem altos índices e provocam maiores impactos. A dialética letal do matar e morrer abrevia a expectativa de vida, reduz o potencial produtivo da população, representa custos emocionais para as famílias e para o sistema de saúde e, ainda,

compromete projetos de qualidade e perspectiva de vida (SOUZA et al., 2014).

As discussões realizadas ao longo desta tese resultam de investigações sobre o envolvimento do adolescente na violência sob duas perspectivas: cometimento de suicídio (autoagressão) e a prática de atos infracionais (heteroagressão). A fragmentação das investigações sob dois focos contou com diferentes metodologias de pesquisa que abordassem investigações quanti e qualitativas e possibilitassem a análise e a compreensão do objeto de pesquisa.

Vale informar que a delimitação da fase da juventude não é efetivamente mensurável pela quantidade de anos; todavia, categorizações legais são realizadas, a exemplo do contexto brasileiro, como o Estatuto da Juventude, que estabelece jovens as pessoas entre 15 e 29 anos de idade (BRASIL, 2013), e o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990), que define a adolescência como a fase dos 12 aos 18 anos de idade incompletos. Para o primeiro estudo, foram considerados jovens aqueles com idade entre 15 e 29 anos, em função de a coleta dos dados no Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde (SIM) disponibilizar essa divisão de faixa etária. Já na segunda pesquisa com adolescentes infratores em cumprimento de medida de privação de liberdade, a definição baseou-se no aparato legal do ECA, com a classificação de 12 aos 18 anos de idade incompletos.

Compreendem-se as diferentes formas de violência como graves obstáculos ao pleno desenvolvimento dos jovens e da sociedade. Pensar em intervenções e prevenção à violência para jovens é um desafio, e esta pesquisa vem contribuir para a identificação de fatores associados a esse fenômeno nas suas diferentes expressões que possam colaborar com a efetivação de intervenções eficazes.

1.1.1 Suicídio como uma manifestação de autoagressão em jovens: questão de saúde pública global

O suicídio é reconhecido como uma urgência de saúde pública globalmente considerada uma das principais causas de morte (SINYOR; PIRKIS, 2016). A cada 40 segundos, uma pessoa acaba com a sua própria vida, com projeções preocupantes de crescimento das estimativas de suicídio, de modo que, até 2020, a incidência mundial pode atingir aproximadamente 1,53 milhões de pessoas (WHO, 2002).

Apesar de o aumento do suicídio atingir todas as faixas etárias, uma preocupação tem se

voltado para os jovens entre 15 a 29 anos, considerados um grupo de alto risco (LANGHINRICHSEN-ROHLING; FRIEND; POWELL, 2009.; ALVES; CADETE, 2015). Para esse período da vida, o suicídio é a segunda maior causa de morte no mundo (WHO, 2014).

Entre 2000 e 2012, houve um aumento de 10,4% na quantidade de mortes por suicídio, sendo observado um acréscimo de mais de 30% em jovens (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA, 2014). Estudos asseguram que o número deva ser ainda maior, ressaltando a problematização da subnotificação de casos de suicídio, que inviabiliza a informação sobre o problema e as discussões sobre medidas de prevenção (ALVES; CADETE, 2015). A discrepância nos registros já é pontuada em estudos mais antigos (CASSORLA; SMEKE, 1994.; BRASIL, 2005) e se deve ao fato de esse tipo de evento ser profundamente marcado por interferências de ordem sociocultural, religiosa e moral, além da indisponibilidade das informações nos serviços (KATZ, 2015.; DE LEO, 2015). Especialmente com jovens, as estatísticas sobre o suicídio são falhas e subestimadas, visto que seus atos autodestrutivos são, muitas vezes, negados e escondidos pela família (MOREIRA et al., 2015).

Índices alarmantes de tentativas de suicídio em 5-10% dos jovens também despertam a atenção (LABOULIERE; KLEINMAN; GOULD, 2015), pois, significativamente, uma tentativa é o fator de risco mais importante para o suicídio (WHO, 2014). Os registros de tentativas de suicídio são mais escassos e menos confiáveis, mas alguns estudos estimam que sejam pelo menos de 10 a 40 vezes maiores que o número de suicídios (WHO, 2002.; BOTEAGA et al., 2009.; VIDAL; GONTIJO; LIMA, 2013).

Embora o suicídio de jovens signifique sério risco para a mortalidade e a morbidade, a utilização dos serviços de saúde mental para jovens com tentativas de suicídio é marcadamente baixa (WU et al., 2010), e aqueles com sintomas mais graves são, muitas vezes, os menos propensos a procurar ajuda (CARLTON; DEANE, 2000) ou divulgar os seus sintomas, especialmente aos adultos.

Classificado como "causas externas", o suicídio entre jovens é pouco investigado (MACHADO; LEITE; BANDO, 2014), uma vez que sua etiologia é complexa e envolve, além de fatores biológicos e psicológicos, o contexto socioeconômico (CASTRO; CUNHA; SOUZA, 2011).

Mesmo diante da evidência de serem mortes evitáveis, o suicídio é, com demasiada frequência, uma baixa prioridade para os governos e decisores políticos, sendo necessário inclui-

lo como uma questão de saúde pública global (WHO, 2014). O Plano de Ação de Saúde Mental da OMS estabeleceu uma meta global de reduzir o suicídio em 10% até 2020 (WHO, 2013). É possível prevenir o suicídio, no entanto, é necessário realizar uma cuidadosa avaliação e compreensão dos fatores e peculiaridades locais associados a esse fenômeno para se determinar medidas compatíveis e eficazes a fim de reduzir tal risco e evitar o suicídio.

1.1.2 Adolescentes e a prática de atos infracionais: expressões de heteroagressão

O envolvimento de adolescentes com a prática de atos infracionais é evidenciado cotidianamente em noticiários e pesquisas, instituindo-se como um problema global e seguramente uma das preocupações mundiais pela tendência crescente dos índices (CUERVO; VILLANUEVA, 2014.; BRASIL, 2013). É indiscutível que essa temática perpassa por uma série de questões, desde os fatores de risco e proteção implicados nesse comportamento até a responsabilização e a legislação estatutária abordadas de forma diferenciada em todo o mundo.

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (1990) define como ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal, considerando o adolescente inimputável e sujeito a medidas socioeducativas. Ao longo da história, os modelos jurídicos sobre adolescentes infratores no Brasil sofreram transformações (SUNAHARA; MENDES; ALMEIDA, 2014). Atualmente, após apuração da responsabilidade pelo ato infracional, mediante o devido processo legal, estão sujeitos às seguintes medidas socioeducativas: advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, inserção em regime de semiliberdade e internação em estabelecimento específico (BRASIL, 1988.; BRASIL 1990).

A efetividade das medidas socioeducativas, em especial a de privação de liberdade, é alvo de discussões pela inconsistência em cumprir os objetivos propostos (RODRIGUES, 2015.; MONTE; RODRIGUES SAMPAIO, 2012.; MACHADO, 2016) com índices expressivos de reincidência no âmbito nacional e internacional (CNJ, 2012.; ENTORF, 2012.; JOO; JO, 2015.; NAVARRO-PÉREZ; PASTOR-SELLER, 2016). Apesar de o ECA se tratar de uma legislação consideravelmente avançada e com planejamento minucioso da assistência a adolescentes em conflito com a lei, a realidade das unidades socioeducativas brasileiras mostra-se preocupante, tornando-se, portanto, uma questão de grande relevância social, política e acadêmica.

Estudos atuais têm discutido a questão da criminalidade juvenil relacionada a diferentes

abordagens, como aspectos familiares (CHNG, 2016.; ANTUNES NUNES; DE SOUSA ANDRADE; MORAIS, 2013), questões escolares (LITTLE, 2015 , SILVA et al.; 2016), transtornos psiquiátricos (LIVANOU,; FURTADO; SINGH, 2016.; HOEVE; MCREYNOLDS; WASSERMAN, 2014) e outros determinantes associados à prática e reincidência criminal (SITNEY; CALDWELL; CALDWELL, 2016.; TISAK et al., 2016); ademais, muitas delas corroboram a importância de novas investigações com o enfoque na escuta dos próprios adolescentes infratores para o entendimento mais aprofundado do fenômeno.

A compreensão da trajetória infracional sob o olhar do próprio sujeito que vivencia a violência e a escuta sobre sua história de vida constitui-se um importante instrumento de análise para intervenções efetivas (PADOVANI et al., 2016.; GOMES; CONCEIÇÃO, 2014). Esse conhecimento é um avanço para que os adolescentes possam ser vistos além do ato infracional, como sujeitos de direitos.

1.2 JUSTIFICATIVA

A violência vem sendo reconhecida há muito tempo como um problema para diversos setores e tem sido tema de muitas discussões e estudos. Foi declarada na agenda internacional da saúde, em 1996, como um importante problema de saúde pública em todo o mundo (OMS, 2014). No entanto, atualmente, os índices em escalas crescentes demonstram grande preocupação e uma necessidade de intervenções eficazes de prevenção e combate à violência por constituir sério problema social com intensas repercussões na saúde individual e coletiva.

Os últimos dois anos têm sido um momento marcante para a discussão da violência, tornando-se uma das grandes prioridades abordadas no Relatório Mundial sobre Prevenção da Violência de 2014 e na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável do Mundo de 2015, produzidos pela OMS e Organização das Nações Unidas, (ONU) respectivamente. A violência praticada por jovens, um dos grupos mais vulneráveis, desafia a sociedade a apresentar respostas institucionais efetivas e eficazes. Trata-se, então, de um tema de extrema relevância e destaca a corresponsabilidade dos diversos setores privados, públicos e da sociedade civil no debate a respeito desse fenômeno.

Nesse contexto, os estudos sobre a violência e suas interfaces com a juventude se manifestam como um campo cada vez mais necessário. A importância da produção contínua e

oportuna de conhecimentos científicos se concilia com o propósito de subsidiar a compreensão e a definição de medidas de prevenção e combate às diversas formas de manifestação da violência na juventude. Ao pesquisar circunstâncias que envolvessem jovens na prática da auto e da heteroagressão, buscou-se avançar na compreensão dos seus determinantes sociais, distribuição geoespacial e influência do contexto que poderiam auxiliar na implantação de medidas eficazes.

1.3 OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar os fatores determinantes e a influência do contexto para a prática dos jovens na violência da auto e heteroagressão.

Objetivos Específicos

- Descrever a distribuição espacial da mortalidade por suicídio entre jovens no estado do Paraná;
- Verificar a existência de associação entre mortalidade por suicídio entre jovens e determinantes socioeconômicos;
- Relatar o percurso dos acontecimentos significativos nas histórias de vida dos adolescentes em privação de liberdade e suas interfaces com a violência;
- Compreender a influência do contexto no processo de formação de identidade de adolescentes infratores;

1.4 REFERÊNCIAS

ABDULRAHEEM-MUSTAPHA, M. A. A Global Diagnosis of the Predictive Factors of Juvenile Delinquency. **University of Botswana Law Journal**, v. 18, 2016.

ALVES, M. A. G.; CADETE, M. M. M. Suicide attempts among children and adolescents: partial

or total injury? **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 1, p. 75–84, jan. 2015.

ANTUNES NUNES, M. C.; DE SOUSA ANDRADE, A. G.; MORAIS, N. Adolescentes em conflito com a lei e família: um estudo de revisão sistemática da literatura. **Contextos Clínicos**, v. 6, n. 2, p. 144–156, 25 set. 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. Comissão de estudos e prevenção de suicídio. **Suicídio: informando para prevenir**, 2014. Disponível em: <http://www.mpdft.mp.br/saude/index.php/saude-mental/artigos-saude-mental/516-suicidio-informando-para-prevenir-2>>.

BEE, H. Comportamento social e personalidade na adolescência. In: **O Ciclo Vital**. Porto Alegre: Artmed, 1997. p. 349–379.

BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cadernos Cedes**, v. 24, n. 62, p. 26–43, 1 abr. 2004.

BOTEGA, N. J. et al. Prevalências de ideação, plano e tentativa de suicídio: um inquérito de base populacional em Campinas, São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 25, n. 12, p. 2632–2638, dez. 2009.

BRAGA, L. D. L.; DELL’AGLIO, D. D. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. **Contextos Clínicos**, v. 6, n. 1, p. 2–14, 1 abr. 2013.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos.**, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>.

BRASIL. Título I dos direitos e das políticas públicas de juventude. **Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos.**, 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). **Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos**, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm>.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional De Promoção Dos Direitos Da Criança E Do Adolescente. **LEVANTAMENTO ANUAL SINASE 2013 - Privação e restrição de liberdade**. Brasília: [s.n.]. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/noticias/pdf/levantamento-2013>>.

BRASIL.Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

BROOKER, J. E. **What works for young people?: evaluating the role and importance of young offender mentors**. [s.l.]University of Portsmouth., 2016.

CARLTON, P. A.; DEANE, F. P. Impact of attitudes and suicidal ideation on adolescents' intentions to seek professional psychological help.**JournalofAdolescence**, v. 23, n. 1, p. 35–45, 2000.

CASSORLA, R. M. S.; SMEKE, E. L. M. Autodestruição humana. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 10, p. S61–S73, 1994.

CASTRO, M. DE L.; CUNHA, S. S. DA; SOUZA, D. P. O. DE. Comportamento de violência e fatores associados entre estudantes de Barra do Garças, MT. **Revista de SaúdePública**, v. 45, n. 6, p. 1054–1061, dez. 2011.

CHIN, Y. R.; CHOI, K. Suicide Attempts and Associated Factors in Male and Female Korean Adolescents A Population-Based Cross-Sectional Survey. **Community Mental Health Journal**, v. 51, n. 7, p. 862–866, 27 out. 2015.

CHNG, G. S. et al. A Latent Class Analysis of Family Characteristics Linked to Youth Offending Outcomes. **Journal of Research in Crime and Delinquency**, v. 53, n. 6, p. 765–787, 1 nov. 2016.

CNJ. Conselho Nacional de Justiça. **Panorama Nacional. A Execução das Medidas Socioeducativas de Internação. Programa Justiça ao Jovem**. Brasília: [s.n.]. 2012.

CUERVO, K.; VILLANUEVA, L. Analysis of Risk and Protective Factors for Recidivism in Spanish Youth Offenders.**International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology**, v. 59, n. 11, p. 1149–1165, 1 out. 2015.

DE LEO, D. Australia Revises its Mortality Data on Suicide. **Crisis**, v. 31, n. 4, p. 169–173, jul. 2010.

DILLON, M. E. Juvenile Justice and Adolescent Health: Crime, Punishment, and Life-Course Trajectory. In: **International Handbook on Adolescent Health and Development**. Cham: Springer International Publishing, 2017. p. 241–265.

ENTORF, H. Expected recidivism among young offenders: Comparing specific deterrence under juvenile and adult criminal law. **European Journal of Political Economy**, v. 28, n. 4, p. 414–429, 2012.

GOMES, C. C.; CONCEIÇÃO, M. I. G. Sentidos da trajetória de vida para adolescentes em medida de liberdade assistida. **PsicologiaemEstudo**, v. 19, n. 1, p. 47–58, mar. 2014.

HOEVE, M.; MCREYNOLDS, L. S.; WASSERMAN, G. A. Service Referral for Juvenile Justice Youths: Associations with Psychiatric Disorder and Recidivism. **Administration and Policy in Mental Health and Mental Health Services Research**, v. 41, n. 3, p. 379–389, 10 maio 2014.

JOO, H. J.; JO, Y. Family, School, Peers, and Recidivism Among South Korean Juvenile Offenders: an Event History Analysis. **Asian Journal of Criminology**, v. 10, n. 1, p. 99–116, 27 mar. 2015.

KARCH, D. L. et al. Precipitating circumstances of suicide among youth aged 10-17 years by sex: data from the National Violent Death Reporting System, 16 states, 2005-2008. **The Journal of adolescent health : official publication of the Society for Adolescent Medicine**, v. 53, n. 1 Suppl, p. S51-3, jul. 2013.

KATZ, E. **The burdens of brotherhood : Jews and Muslims from North Africa to France**. Cambridge.: Harvard University Press., 2015.

LABOULIERE, C.; KLEINMAN, M.; GOULD, M. When Self-Reliance Is Not Safe: Associations between Reduced Help-Seeking and Subsequent Mental Health Symptoms in Suicidal Adolescents. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 12, n. 4, p. 3741–3755, 1 abr. 2015.

LANGHINRICHSEN-ROHLING, J.; FRIEND, J.; POWELL, A. Adolescent suicide, gender, and culture: A rate and risk factor analysis. **Aggression and Violent Behavior**, v. 14, n. 5, p. 402–414, 2009.

LAWRENCE, R.; HESSE, M. **Juvenile justice : the essentials**. [s.l.]SAGE Publications, 2010.

LITTLE, R. Putting education at the heart of custody?the views of children on education in a young offender institution. **British Journal of Community Justice** ., v. 13, n. 2, p. 20, 2015.

LIVANOU, M.; FURTADO, V.; SINGH, S. Prevalence and nature of mental disorders among young offenders in custody and community: A meta-analysis. **European Psychiatry**, v. 33, n. 33, p. S460, mar. 2016.

MACHADO, E. B. L. DO A. a doutrina da proteção integral como máximo vetor interpretativo na atividade judicante da infância e juventude: uma orientação no cenário de populismo punitivo. **Revista de Estudos Jurídicos UNESP**, v. 19, n. 29, 2016.

MACHADO, M. F. S.; LEITE, C. K. DA S.; BANDO, D. H. Políticas Públicas de Prevenção do Suicídio no Brasil: uma revisão sistemática. **Revista Gestão & Políticas Públicas**, v. 4, n. 2, p. 334–356, 2014.

MONTE, F. de C., F.; RODRIGUES SAMPAIO, L. Pedagogical Practices and Morality in an Institution for Transgressor Adolescents. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 25, n. 2, p. 368–377, 2012.

MOREIRA, L. C. DE O. et al. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 3, p. 445–453, dez. 2015.

MULLER, F. et al. Perspectivas de adolescentes em conflito com a lei sobre o delito, a medida de internação e as expectativas futuras. **Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade**, v. 1, n. 1, 2015.

NAVARRO-PÉREZ, J. J.; PASTOR-SELLER, E. Factores dinámicos en el comportamiento de delinquentes juveniles con perfil de ajuste social. Un estudio de reincidencia. **Psychosocial Intervention**, 2016.

NILSSON, T. et al. Aggressive Antisocial Behaviors Are Related to Character Maturity in Young Swedish Violent Offenders Independent of ADHD. **Frontiers in psychiatry**, v. 7, p. 185, 16 nov. 2016.

OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório Mundial sobre a Prevenção da Violência 2014. **Jornal Saúde Global**, 2014.

PADOVANI, A. S. et al. Significados Construídos acerca das Instituições Socioeducativas: Entre o Imaginado e o Vivido. **Psico-USF**, v. 21, n. 3, p. 609–622, dez. 2016.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento psicossocial na adolescência. In: **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 475–510.

RODRIGUES, E. C. C. Pane no sistema: o cenário nacional nos 25 anos do estatuto da criança e do adolescente. **Revista EPOS**, v. 6, n. 2, p. 70–97, 2015.

SEDS. Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social. **Plano Decenal dos Direitos da Criança e do Adolescente do Estado do Paraná** Curitiba, 2013. Disponível em: <http://www.desenvolvimentosocial.pr.gov.br/arquivos/File/plano_decenal/PlanoDecenaldigital.pdf>.

SILVA, J. L. DA et al. School Bonding of Adolescent Offenders. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 26, n. 63, p. 91–100, abr. 2016.

SINYOR, M.; TSE, R.; PIRKIS, J. Global trends in suicide epidemiology. **Current Opinion in Psychiatry**, v. 30, n. 1, p. 1–6, jan. 2017.

SITNEY, M. H.; CALDWELL, B. M.; CALDWELL, M. F. The Longitudinal Relationship Between African American Status, Psychopathic Traits, and Violent Recidivism in Juvenile Offenders. **Criminal Justice and Behavior**, v. 43, n. 9, p. 1190–1203, 1 set. 2016.

SOUZA, C. DE et al. Formação política como uma forma de enfrentamento à violência na juventude. **Revista Psicologia Política**, v. 14, n. 30, p. 367–383, 2014.

STURMAN, D. A.; MOGHADDAM, B. The neurobiology of adolescence: Changes in brain architecture, functional dynamics, and behavioral tendencies. **Neuroscience & Biobehavioral Reviews**, v. 35, n. 8, p. 1704–1712, 2011.

SUNAHARA, I. G.; MENDES, J. R.; ALMEIDA, N. S. M. Abordagem histórica do tratamento jurídico dado população infanto-juvenil autora de ato infracional no Brasil. **Direito & Realidade**, v. 2, n. 1, 2014.

TISAK, M. S. et al. Relations Among Victimization, Witnessing, and Perpetration of Aggression: Impact of Gender Among Youth Offenders. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 1, [s.d.], 2016.

VIDAL, C. E. L.; GONTIJO, E. C. D. M.; LIMA, L. A. Tentativas de suicídio: fatores prognósticos e estimativa do excesso de mortalidade. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 29, n. 1, p. 175–187, jan. 2013.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2014. Os jovens do Brasil**. Rio de Janeiro: [s.n.]. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf>.

WILCOX, H. C. et al. Data Linkage Strategies to Advance Youth Suicide Prevention: A Systematic Review for a National Institutes of Health Pathways to Prevention Workshop. **Annals of Internal Medicine**, v. 165, n. 11, p. 779, 6 dez. 2016.

WHO. SUICIDE PREVENTION (SUPRE). **MULTISITE INTERVENTION STUDY ON SUICIDAL BEHAVIOURS – SUPRE-MISS: PROTOCOL OF SUPRE-MISS**. Geneva.: [s.n.], 2002. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B53By1TUyXnUYUt2czFPQ0hHTTQ/view?ts=586f9ca4>>.

WHO.WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Mental Health Action Plan 2013-2020**.Geneva:
[s.n.].2013. Disponível em:
http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/89966/1/9789241506021_eng.pdf

WHO.WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Preventing suicide: a global imperative A global imperative**. Geneva: [s.n.]. 2014. Disponível em:
http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/131056/8/9789241564878_eng.pdf?ua=1&ua=1

WU, P. et al. Mental Health Service Use Among Suicidal Adolescents: Findings From a U.S. National Community Survey. **Psychiatric Services**, v. 61, n. 1, p. 17–24, jan. 2010.

WYATT, L. C. et al. Risk Factors of Suicide and Depression among Asian American, Native Hawaiian, and Pacific Islander Youth: A Systematic Literature Review. **Journal of Health Care for the Poor and Underserved**, v. 26, n. 2A, p. 191–237, 2015.

CAPÍTULO II

2.1 Artigo 1: “SUICIDE MORTALITY AMONGST YOUTH IN BRAZIL: A SPATIO-TEMPORAL EVALUATION OF SOCIOECONOMIC VULNERABILITY”

(Artigo redigido de acordo com as normas da Revista American Journal of Community Psychology - impact factor: 2,108)

Suicide mortality amongst youth in Brazil: a Spatio-temporal evaluation of socioeconomic vulnerability

Ana Carolina Jacinto Alarcão ^{1*}, Maria Dalva de Barros Carvalho¹

¹ Department of Health Sciences - State University of Maringa, 5790 Colombo Ave, 87020-900 Maringa, Parana, Brazil

* Corresponding author

E-mail: anacjalarcao@gmail.com(ACJA)

Abstract

Purpose: The main aim of our study was to geospatially analyze suicide deaths among young people in 399 cities from a southern Brazil and evaluate their association with socioeconomic and spatial determinants.

Methods: Data on suicide mortality rates (SMR) were extracted for the 15-19, 20-24, 25-29 age groups from two five-year periods (1998 - 2002 and 2008 - 2012). The Geospatial data was analyzed through exploratory spatial data analysis. Based on GIS results, we applied Bayesian Networks (BN) algorithms to explore the network structure of the socioeconomic predictors of SMR.

Results show a spatial dependency in SMR in both periods, revealing geospatial clusters of high SMR. Spatial association of socioeconomic factors and SMR found income and unemployment to be associated with SMR distribution in the first time period (1998-2002) and education, unemployment and informal employment in the second period (2008-2012).

Conclusion: Our results show that socioeconomic deprivation in the municipality levels was an important determinant for suicide in the youth population in Paraná and epidemiology significantly

influenced the formation of high-risk SMR clusters.

Keywords: suicide; socioeconomic factors; spatial analysis; public health; epidemiology; external causes.

INTRODUCTION

Global suicide rates have increased 60% over the last 45 years (Minayo et al., 2012), making suicide a public health emergency as a major causes of death globally (Bjerregaard & Larsen, 2015; Machado, Rasella & Dos Santos, 2015). Currently, it is estimated that every 40 seconds a person successfully takes his/her own life (Dias et al., 2014). While suicide is increasing in all age groups, young people aged 15 to 29 years are at an increased risk for suicide (Langhinrichsen-Rohling, Friend & Powell, 2009). In this age group, suicide is the second leading cause of death worldwide (WHO, 2011), with an alarming rate of suicide attempts 5-10% (Labouliere, Kleinman & Gould, 2015).

Most studies on youth focus on identifying individual risk factors (Cantor & Neulinger, 2000; Brunstein Klomek, Sourander & Gould, 2010; Chin & Choi, 2015; Barbosa et al., 2014). However, these individual factors may lose relevance when considered within a geographic and context-specific perspective. Thus, understanding the geospatial patterns and changes over time of suicide mortality clusters can provide context specific, macro-political evidence to inform public policy and public health. However, there are no studies globally that geospatially analyze the distribution of suicide fatalities in this age group over time, and how they are associated with the geopolitical socioeconomic development.

Recent research found an geospatial association between suicide rates and socioeconomic deprivation indicators such as unemployment and low family income (Hsu, Chang, Lee & Yip,

2015), rural residence (Ngamini Ngui, Apparicio, Moltchanova & Vasiliadis, 2014), material deprivation (Santana et al., 2015), and education level (Yoon et al., 2015). However, these studies use cross-sectional designs, and do not consider the spatio-temporal evolution of suicide. Moreover, these results are for general age groups, not specifically young people who may have their own unique specific predictors. In fact, studies focusing on adolescent and young adult populations have found that, unlike other age groups, young people have an increased risk of suicide due to depression (Correa Díaz, Jácome Sánchez & Martínez, 2015; Wyatt et al., 2015), frequent experiences of bullying (Mark, 2014; Klomek et al., 2013), belonging to marginalized groups (Shadick, Dagirmanjian & Barbot, 2015), and substance use or mood disorders (Dugas, Low, Loughlin & Loughlin, 2015). Given the known spatial association of suicide rates and socioeconomic deprivation, and the fact that youth have unique risk factors for suicide which also are impacted by socioeconomic status, evaluating and understanding the spatio-temporal variances of suicide clusters can support public policies.

Spatial analyses are crucial in the epidemiologic assessment of the impact of social processes and structures in health events (Moore & Carpenter, 1999; Khan, Davenhall, Ali, Castillo-Salgado & Vazquez-Prokopec, 2010; Oliveira, Ribeiro & Castillo-Salgado, 2013), especially in low- and middle income countries (Balk, Pullum, Storeygard, Greenwell & Neuman, 2004; Brown, 2003). Understanding the spatial structure and dynamics of population is a priority for the characterization of health conditions (Barcellos, Sabroza, Peiter & Rojas, 2002). This is especially true when there are socioeconomic disparities that might explain preventable outcomes, such as suicide rates; geographic information systems (GIS) and spatial analysis allows an evaluation of the context in which the event takes place and describes the surrounding environmental setting.

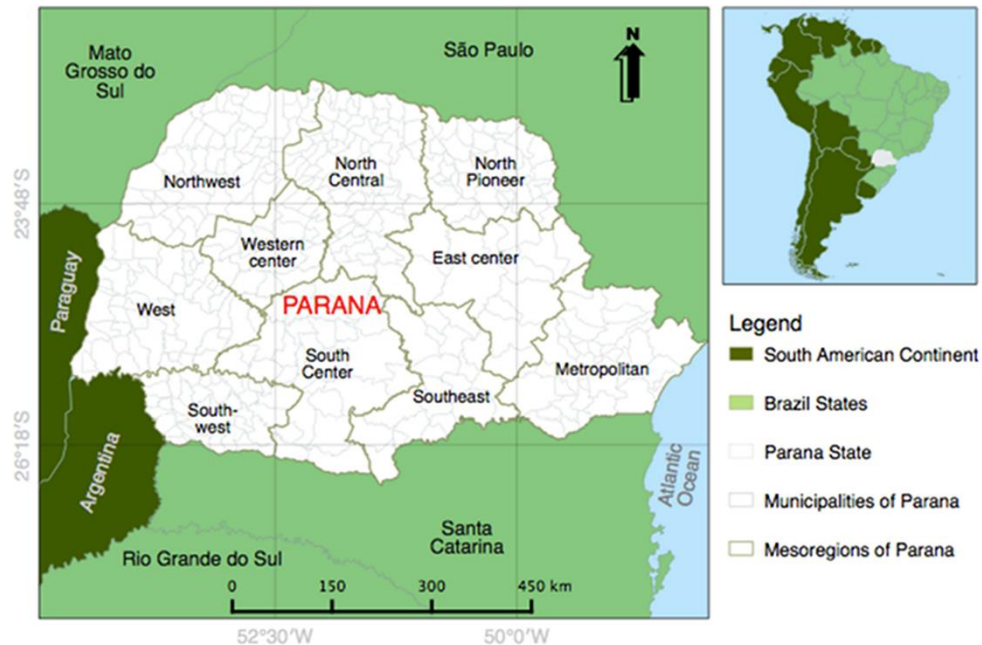
Thus, the aim of this study was to spatially analyze suicide deaths among young people aged 15-29 years in the state of Paraná, Brazil during the time periods 1998 to 2002 and 2008 to 2012, and evaluate their association with socioeconomic determinants.

METHODS

Study Design and Sample Site

We conducted an ecological observational study of secondary data using geospatial analysis techniques of suicide mortality rate data. Data were collected from two five-year periods (1998 - 2002 and 2008 - 2012) from the state of Parana in southern Brazil see **Figure 1**. According to the last census (2010), Parana state had 10,444,526 inhabitants, representing 5.5% of Brazil's population. It is 199,880 square kilometers and is bordered by the states of São Paulo, Santa Catarina and MatoGrosso do Sul, and by the countries of Paraguay and Argentina (**Figure 1**). The state is diverse socially, economically, racially and has experienced considerable economic growth. In 2000, among Brazilian states it ranked the fifth best Human Development Index (HDI) (HDI: 0.650) and in 2010, it was ranked sixth place. (HDI: 0.749). In the economic sector, in 2012, Parana's gross domestic product (GDP) increased by 170.5% compared to 2002 (Parana Institute of Economic and Social, 2004).

Figure 1- Map of the Parana state with subregions and municipalities.



Data Sources

Data was obtained from open access secondary sources at the municipality level (**Table 1**). We obtained and analyzed the annual average number of suicides and inhabitants of the city in the two five-year periods (1998 - 2002 and 2008 - 2012). The two time periods were chosen to meet the availability of information from the Brazilian Census, which is conducted each 10 years.

Suicide deaths rate

Data on suicide death rates in the 399 cities of the state were obtained from the Mortality Information System of the Brazilian Ministry of Health (SIM / MS) (Brazil- Ministry of Health, 2015). Suicide death rates were defined according to the International Classification of Diseases and Related Health Problems, ICD Category 10, self-harm injuries (X60-X84). Specific mortality rates per 100,000 inhabitants were obtained for each of the 399 cities in Parana state. Data was

extracted for the 15-19, 20-24, 25-29 age groups. We used an empirical Bayes spatial estimator to smoothing variance in mortality rates by municipalities.

Socioeconomic indicators

Population size for the 15-19, 20-24, 25-29 year age groups were obtained from the Brazilian Institute of Geography and Statistics. Socioeconomic data were extracted from the 2000 and 2010 population census, available online at IBGE (Brazilian Institute of Geographic and Statistics, 2010), and the Parana Institute for Economic and Social Development (Parana Institute of Economic and Social, 2014). Six socioeconomic and demographic indicators for each city were analyzed: Education, income, unemployment, informality, human development index and gross domestic product.

Table 1 - Data Sources for analysis

Variable	Source	Typeof data	Limitations	Range
Suicide death rate	SIM	Deaths coded in the ICD-10 as self-harm injuries (X60-X84).	Municipalities	1998-2002
Socioeconomic indicators	CENSUS - IBGE IPARDES	Education: Rate of individuals with \geq eight years of education; Income: Average household income per capita; Unemployment: Unemployment rate; Informality: Informal employment rate; HDI: Human development index; GDP: Gross domestic product	Municipalities	2008 and 2012

Data Analysis

Spatial Analysis

Geospatial data was analyzed by geographic locations (areas) to evaluate the geospatial distribution of suicide mortality rates with higher densities of occurrences (clusters). We applied exploratory spatial data analysis (ESDA) through the open source software GeoDaTM version 0.9.5i (Anselin, Syabri & Kho, 2006), to determine measures of global spatial autocorrelation, local spatial autocorrelation (Anselin, 1998; Perobelli & Haddad, 2006), and QGIS version 2.14 (QGIS Development Team, 2015).

To evaluate the existence of spatial autocorrelation, we used a Queen type matrix that allows for the measurement of nonrandom association between the value of a variable observed in a given geographical unit and the value of variables observed in neighboring units (Anselin, 1998). Using the (I) Global Moran index (Anselin, 1998; Perobelli & Haddad, 2006), we calculated global and local spatial autocorrelation evaluating suicide mortality rates for each municipality in the state of Parana/BR by age groups (15-19, 20-24, 25-29 years). We calculated univariate associations for suicide mortality rates and bivariable associations with Census based socioeconomic indicators (Brazilian Institute of Geographic and Statistics, 2010). This index identifies if the value of the suicide mortality rates tends to be clustered (positive Moran I) or dispersed (negative Moran I) among geographical areas (Anselin, 1998; Perobelli & Haddad, 2006; Druck, Carvalho, Câmara & Monteiro, 2004).

To graphically depict spatial autocorrelation, we applied the local indicators of spatial association (LISA) clustering method. The LISA choropleth maps identify significant spatial clusters throughout Parana state, with high or low association values for the suicide mortality rates (Anselin, 1998; Druck, Carvalho, Câmara & Monteiro, 2004). Clustered areas are categorized

according to the pattern of characteristics in adjacent districts. High/high (HH) areas are a set of districts with high suicide death rates surrounded by other districts with high suicide deaths in univariate analysis. The same sense is applied to low/low (LL) set of districts, where districts with low characteristics are surrounded by districts with low values for analyzed variables. When the inverse occurs, districts with low rates of suicide deaths are surrounded by districts with high suicidality, LISA maps categorize them as low/high (L/H) or high/low (H/L) for the opposite pattern.

Bayesian Networks

Based on GIS results, we modeled the causal structure of the data with geospatial significance. We applied Bayesian Networks (BN) algorithms which allowed us to explore the network structure of relationships between the variables. Bayesian networks are Directed Acyclic Graphs (DAG), where each node (circles in the graph) represents a study variable (socioeconomic indicator or the suicide mortality rate) and each edge (lines connecting nodes) represents the conditional dependent relationship between two nodes (Nielsen & Jensen, 2009).

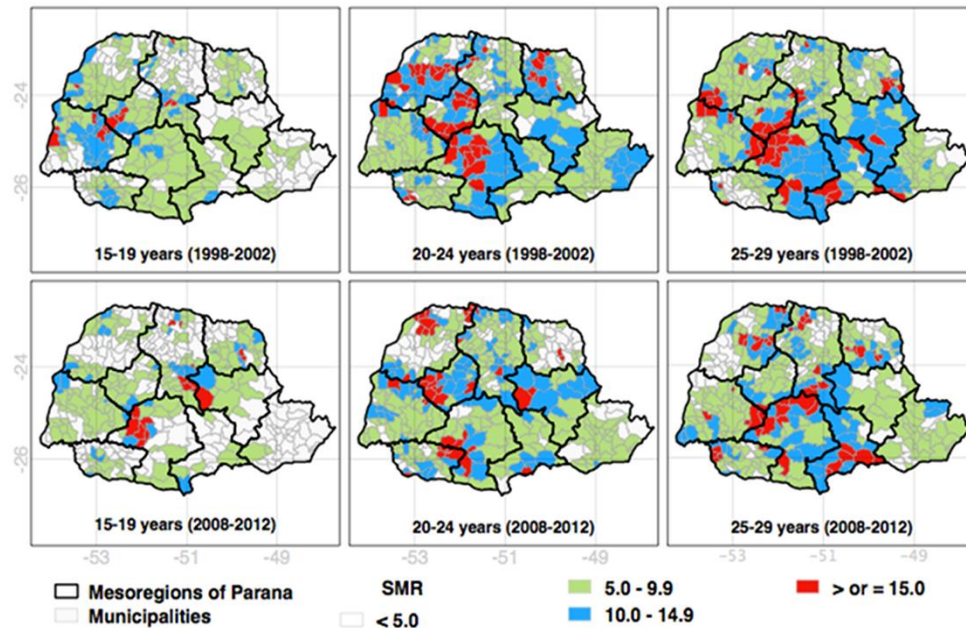
To build the model, we used a score-based algorithm for gaussian data called Hill Climbing (hc) available within the “bnlearn” package (Scutari, 2010), from the R Language for Statistical Computing software (R Core Team, 2015). This approach executes a ‘greedy search technique’ (decisions based on the best available information, regardless of the subsequent consequences) (Margaritis, Thrun, Faloutsos, Moore & Cooper, 2003). During the execution of score-based algorithms, each node receives a score (network score), which will reflect the quality of the fit. Then, the algorithm tries to iteratively maximize this score (Scutari, 2010). As part of this process, the algorithm needs to learn the Markov Blankets for each variable consisting in discovering dependent relationships that best fit the model (which nodes originate or receive a directed edge),

allowing for all possible paths between nodes and maximizing the information in the network (Tsamardinos, Aliferis, Statnikov & Statnikov, 2003). The quality of BN was assessed through a group of researchers specialized on suicide domain.

RESULTS

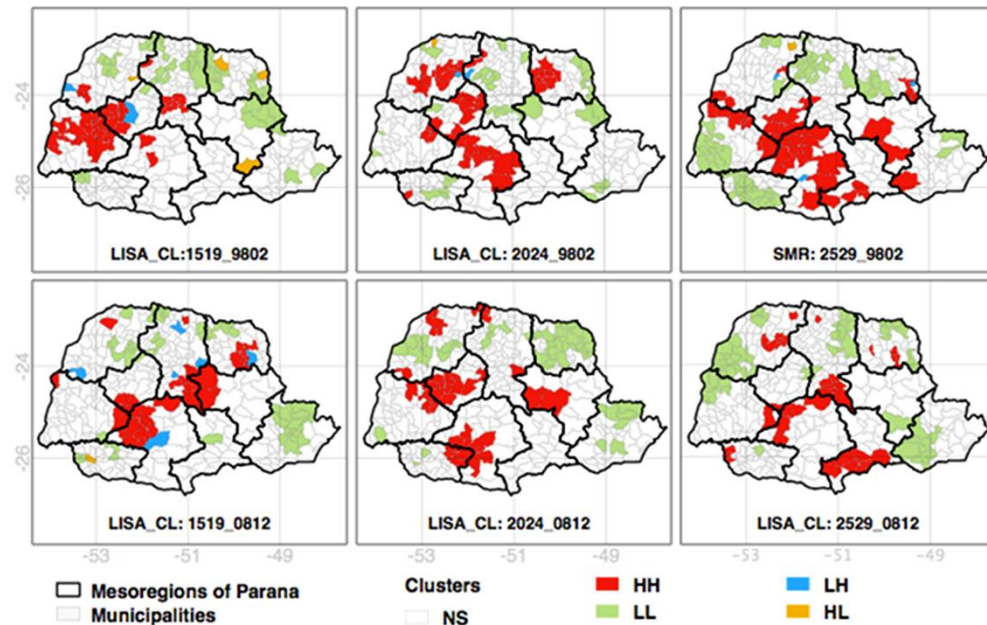
Due to a decrease in overall suicide rates, overtime there was an increasing proportion of municipalities with lower suicide rates and a decreasing proportion of municipalities with higher suicide rates (**Figure 2**). This was seen in all but the 25-29 year age groups where an increase in municipalities with high mortality rates was seen (**Figure 2**). Among all subregions that showed high suicide mortality rates ($\geq 15/100,000$), the South Central subregion seemed to be the most affected in both evaluated periods for all ages (**Figure 2**). As seen in **Figure 2**, younger age groups (15-20 years old) high suicide death rate cities transitioned from the western subregions to the center of the state. The 20-24 year age groups had a change in their geospatial pattern of high suicide rate cities from the center of the state to the south (Southeast and South Central subregions) and west areas, with a cluster in the East center subregion. Similarly, the 25-29 years age group pattern condensed to high mortality rates in the center of the state and in the southeast area. In all three age groups, we also observed an emphasis on the high rate in the western part of the state in the first period that decreased over time.

Figure 2- Spatial distribution of cities' suicide mortality rate (SMR) according to their age groups, with ranges of standard deviation from the average for the delimitation of class intervals, Parana 1998-2002; 2008-2012.



Suicide mortality rates have indicated positive spatial autocorrelation in the two five-year periods in all age groups ($p = 0.0010$). In the first five-year period, the age groups 15-19, 20-24 and 25-29 years had cities with high SMR surrounded by other cities with high SMR. (Global Moran's index $I=0.551923$, $I=0.457190$ $I=0.542864$ respectively per age group). For the second five year time period, we saw the same clustering pattern for each age group. (Global Moran's Index, $I=0.495064$, $I=0.525674$ and $I=0.386640$) (**Figure 3**).

Figure 3 - LISA univariate analysis: cluster formation according to suicide mortality rate (SMR) by suicide according to their age groups (Types of cluster: high-high; low-low; low-high, high-low).



Bivariate analysis demonstrated that all socioeconomic and demographic indicators used for our analysis were significantly associated with the suicide mortality rate ($p < 0.05$). During each five-year period, SMR was negatively correlated with higher socioeconomic status, specifically, educational level (≥ 8 years), income, HDI and GDP. Unemployment and informal employment had a more complex relationship. Higher unemployment (more common in urban areas) correlated with lower SMR clusters while informal employment (more common in rural areas) had higher SMR clusters (**Table 2**). The relationship between informal employment and SMR clusters appeared stronger during the second time period suggesting increasing informal jobs (and decreasing formal jobs) led to higher rates of suicide mortality (**Table 2**).

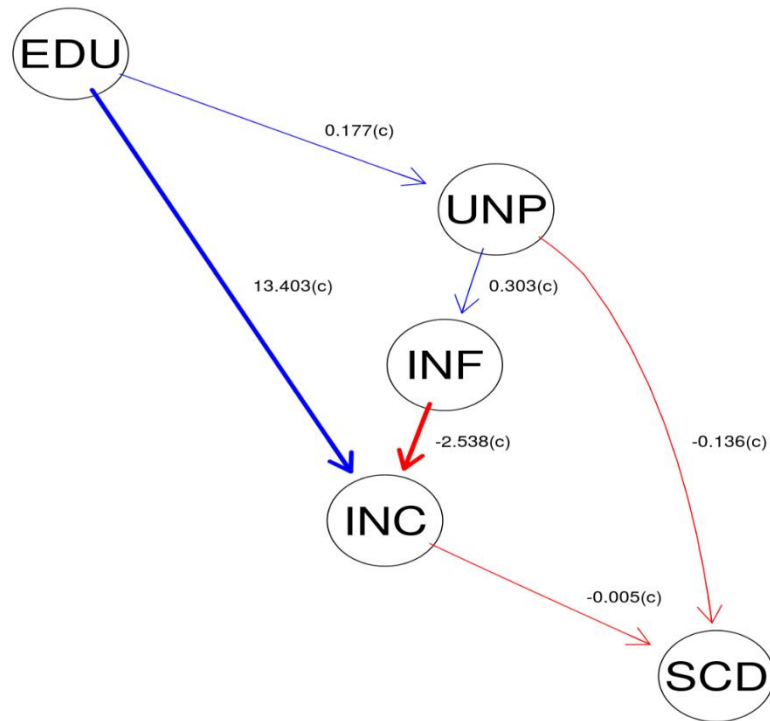
Table 2 - Global Moran's I bivariate coefficient of suicides rates according to the municipality of residence and socioeconomic and demographic indicators in the 1998-2002 and 2008-2012 time periods

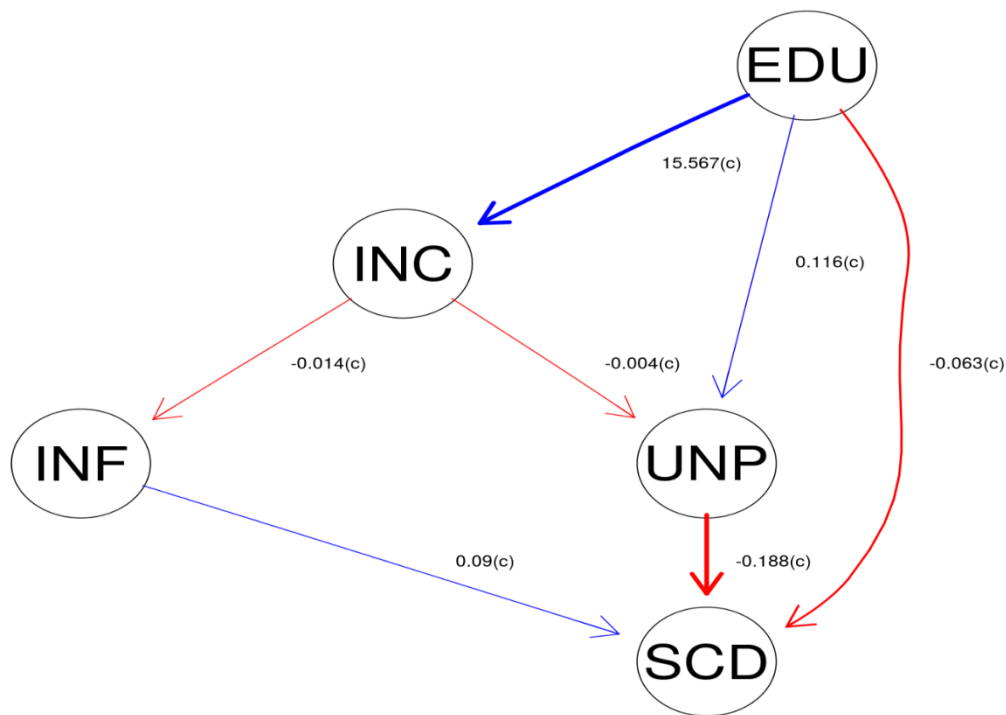
Variable	1998-2002		2008-2012	
	Moran's I	p-Value	Moran's I	p-Value
Educational level \geq 8 years	-0.16	<0.001	-0.19	0.001
Income	-0.18	0.001	-0.18	0.001
Unemployment	-0.15	0.001	-0.11	0.001
Informality	0.01	0.033	0.18	0.001
HDI	-0.17	0.001	-0.16	0.001
GDP	-0.06	0.009	-0.08	0.002

The Bayesian network of the first studied period showed the positive impact the educational level has on the income and unemployment, i.e., more years of study results in improvement of incomes and reducing unemployment, which leads to a decline in mortality rates. In the geospatial analysis these variables showed a positive association with suicide rates. However, in relation to the educational level the spatial analysis has also identified that in this period the rate of suicide mortality rates showed a negative correlation with educational level higher (**Figure 4A**).

In the second studied period, again the educational level showed a positive relationship with income and unemployment; a better educational level, higher income and a decrease in unemployment with consequent reduction of mortality rates. In the same way, the geospatial analysis also identified during this period a negative correlation of suicide rates with higher educational level high. The educational level showed a tenuous negative relationship, little robust and with suicide rates; however, reinforcing a higher educational level. It was stressed the positive relationship, the informality about suicide rates, even having a negative relationship with income, i.e., the higher the income lower informality (**Figure 4B**).

Figure 4 A e 4B - Relationship between possible suicide's predictors (A) refers to year 2000 and (B) refers to year 2010, c = regression coefficient





EDU=Education, INF=Informality, INC=Income, UNP=Unemployed, SCD=Suicide

DISCUSSION

This is the first study assessing the spatio-temporal analysis of suicide mortality among young people and their association with socioeconomic indicators. While overall we found that the suicide mortality rates are decreasing, we found a significant clustering of suicide mortality in both time periods with positive associations between socioeconomic depravity and mortality rates. Our results surrounding unemployment and informal employment, when taken into context supported that unemployment which is an urban prevalent state was protective while informal work which occurs more in less developed rural areas was associated with increased rates of suicide clusters.

Comparing with the both time periods (2010) the results show a decline in suicide mortality rate; this contradicts a global trend of increasing suicide rates specifically among the young

population (Waiselfisz, 2014). We attribute this phenomenon to significant investments in social programs designed to combat poverty in Brazil (Glewwe & Kassouf, 2012; Reis, 2010). These programs have been very successful causing a large and quick reduction in poverty (Coelho, Tapajós & Rodrigues, 2010). This is evident from the increase in Human Development Index (HDI) coefficient and Gross Domestic Product (GDP) between the first and second time periods (Parana Institute of Economic and Social, 2014). Similarly, these social programs and economic development can explain the displacement of high suicide mortality to the less developed central regions.

Our findings that suicide mortality clusters in regions of socioeconomic depravity and limited population development mirrors international literature (Qi, Hu, Page & Tong, 2012; Qi, Hu, Mengersen & Tong, 2014; Saman, Walsh, Borowko & Odoi, 2012; Grigoriev, Doblhammer-Reiter & Shkolnikov, 2013). As an example, the South Central region, with clusters of high SMR, showed low population density, high levels of poverty, low HDI, high unemployment and substantial social inequality (Parana Institute of Economic and Social Development, 2004; Cancian, Vidigal, Bueno & Vidigal, 2012), all these conditions have been established as risk for suicides (Hsu, Chang, Lee & Yip, 2015; Qi, Tong & Hu, 2010). A possible explanation for the association between low socio-economic development and suicide limited essential services such as healthcare, education, culture, employment and housing which can lead to hopelessness, persistent stress and anxiety (Machado, Rasella & Dos Santos, 2015; Velez et al., 2011).

National and international studies have found an association between high suicide mortality rates and income and unemployment (Machado, Rasella & Dos Santos, 2015; Qi, Hu, Mengersen & Tong, 2014; Grigoriev, Doblhammer-Reiter & Shkolnikov, 2013; Chang et al., 2011; Hong & Knapp, 2013; Middleton, Sterne & Gunnell, 2006). Our data mirrored this as we found lower incomes had higher suicide SMR clusters. A study on poverty and income inequality in southern

Brazil (including Parana) showed that in 2000, cities with higher levels of poverty were concentrated in the west and south-central areas of Parana (Cancian, Vidigal, Bueno & Vidigal, 2012). Our data found higher youth SMR in these areas which correlates with international data that high poverty rates are risk areas for suicide attempts (Rehkopf & Buka, 2006; Gonçalves, Gonçalves & de Oliveira, 2011). A possible explanation for this association between poverty and suicide is that insecure income may lead to decreased goods acquisition, loss of status and social interactions leading to frustration and suicide (Dobash, Cavanagh & Lewis, 1996). However, this association between income and suicide may vary according to the socio-economic development of the geographic area analyzed. A study in Brazil showed the highest suicide rates are found in the poorer areas of São Paulo state, and richer areas of Brazil and São Paulo city (Bando, Brunoni, Benseñor & Lotufo, 2012).

Our findings mirror other research demonstrating an association between suicide and low educational level (Denney, Rogers, Krueger & Wadsworth 2009; Li, Page, Martin & Taylor, 2011). Individuals with higher education are more receptive to health promotion and prevention and likely have higher rates of employment and therefore income or earning potential (Lee et al., 2009). In our data, the south central region had high uneducated proportions of the population and low rates of formal employment highlighting the limited socioeconomic development in the region and therefore higher SMR clusters (Nunes, 2013). Similarly, Our data supported findings that suggested urbanization is protective against suicide as no high SMR clusters occurred in large metropolitan areas (Otsu et al., 2004). In Brazil, urban regions also have higher per capita income, less economic inequality and higher educational levels providing more opportunities (Machado, Rasella & Dos Santos, 2015). For young people, urban areas ha provide infrastructure and possibilities for educational, professional and cultural development and leisure can be a protective factor for suicide (Waiselfisz, 2014).

While suicide in young people is multifactorial, there are predictable geospatial and sociodemographic factors associated with high rates of suicide mortality amongst municipalities in Brazil (Alves & Cadete, 2015). Interventions targeted in these geospatial regions or for those with known risk factors can further reduce the rates of suicide amongst younger age groups. With these findings we hope to increase social programs and health infrastructure support to the regions most in need in order to reduce youth suicide.

Limitations

It is important to highlight some limitations of our study when interpreting our results. First, we performed an analysis of secondary data and so is subject to limitations of the data source. For instance, under reporting of suicide is common and difficulty with incomplete data collection. These limitations are likely more pronounced in rural settings which could to an under representation of the magnitude of the findings. Since we only used secondary data analysis, we were restricted in the depth of the socioeconomic variables available; further data on violence, quality access, health care, mental health and social inequality could enhance the understanding of associations. Similarly, many of our variables are collinear (education, income, employment) which might make relationship more opaque.

CONCLUSION

While youth suicide is multifactorial, there are predictable geospatial and sociodemographic factors associated with high suicide mortality rates among municipalities in Parana, Brazil. Suicide amongst youth aged 15-29, occurs in geographic clusters which are associated with socioeconomic depravity. Rural settings with poor infrastructure and development also have correlate with increased suicide mortality rate clusters.

REFERENCES

- Alves, M. A. G., & Cadete, M. M. M. (2015). Suicide attempts among children and adolescents: partial or total injury? *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(1), 75–84. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014201.22022013>
- Anselin, L. (1998). *Interactive techniques and exploratory spatial analysis*. In: Longley PA, Goodchild. *Geographical information systems: principles, techniques, management and applications*. (R. D. MF, Maguire DJ, Ed.), Wiley. (Vol. 43.). New York.: Wiley.
- Anselin, L., Syabri, I., Kho Y. (2006). GeoDa: an introduction to spatial data analysis. *Geogr Anal.*, 38.(5.), 22.
- Balk, D., Pullum, T., Storeygard, A., Greenwell, F., & Neuman, M. (2004). A spatial analysis of childhood mortality in West Africa. *Population, Space and Place*, 10(3), 175–216. <https://doi.org/10.1002/psp.328>
- Bando, D. H., Brunoni, A. R., Benseñor, I. M., & Lotufo, P. A. (2012). Suicide rates and income in São Paulo and Brazil: a temporal and spatial epidemiologic analysis from 1996 to 2008. *BMC Psychiatry*, 12(1), 127. <https://doi.org/10.1186/1471-244X-12-127>
- Barbosa, L. P., Quevedo, L., Da Silva, G. D. G., Jansen, K., Pinheiro, R. T., Branco, J., ... Da Silva, R. A. (2014). Childhood trauma and suicide risk in a sample of young individuals aged 14-35 years in southern Brazil. *Child Abuse and Neglect*, 38(7), 1191–1196. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2014.02.008>

- Barcellos, C. De C., Sabroza, P. C., Peiter, P., & Rojas, L. I. (2002). Organização espacial, saúde e qualidade de vida: análise espacial e uso de indicadores na avaliação de situações de saúde. *Informe Epidemiológico Do Sus*, 11(3), 129–138. <https://doi.org/10.5123/S0104-16732002000300003>
- Bjerregaard, P., & Larsen, C. V. L. (2015). Time trend by region of suicides and suicidal thoughts among Greenland inuit. *International Journal of Circumpolar Health*, 74, 1–8. <https://doi.org/10.3402/ijch.v74.26053>
- Brazil - Ministry of Health: Department of the Unified Health System. (2015). *Health Information System. Vital Statistics of the Mortality*. DATASUS. Brasília.
- Brazilian Institute of Geographic and Statistics (2010). *States, IBGE, 2010*. Brasília. <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=pr>
- Brown, S. (2003). Spatial Analysis of Socioeconomic Issues: Gender and GIS in Nepal. *Mountain Research and Development*, 23(4), 338–344. [https://doi.org/10.1659/0276-4741\(2003\)023\[0338:SAOSIG\]2.0.CO;2](https://doi.org/10.1659/0276-4741(2003)023[0338:SAOSIG]2.0.CO;2)
- Brunstein Klomek, A., Sourander, A., & Gould, M. (2010). The Association of Suicide and Bullying in Childhood Longitudinal Research Findings. *Canadian Journal of Psychiatry*, 55(5), 282–288. <https://doi.org/10.1016/j.ypsy.2010.10.092>
- Cancian, V., Vidigal, V. G., Bueno, C., & Vidigal, R. (2012). Pobreza e desigualdade de renda nos municípios da região sul do Brasil : uma análise espacial, 32.

- Cantor, C., & Neulinger, K. (2000). The epidemiology of suicide and attempted suicide among young Australians. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 34(3), 370–387. <https://doi.org/10.1080/j.1440-1614.2000.00756.x>
- Chang, S. Sen, Sterne, J. A. C., Wheeler, B. W., Lu, T. H., Lin, J. J., & Gunnell, D. (2011). Geography of suicide in Taiwan: Spatial patterning and socioeconomic correlates. *Health and Place*, 17(2), 641–650. <https://doi.org/10.1016/j.healthplace.2011.01.003>
- Chin, Y. R., & Choi, K. (2015). Suicide Attempts and Associated Factors in Male and Female Korean Adolescents A Population-Based Cross-Sectional Survey. *Community Mental Health Journal*, 51(7), 862–866. <https://doi.org/10.1007/s10597-015-9856-6>
- Coelho, M.F.P., Tapajós, L.M. De S., & Rodrigues, M. (Orgs.). (2010). *Políticas sociais para o desenvolvimento: superar a pobreza e promover a inclusão*. Brasília. http://www.amures.org.br/uploads/1521/arquivos/634410_Políticas_Sociais_para_o_Desenvolvimento_Superar_a_Pobreza_e_Promover_Inclusao.pdf
- Correa Díaz, E. P., Jácome Sánchez, E. C., & Martínez, B. A. (2015). Suicide in adolescents with depression: the need for early diagnosis. *Clinical Case Reports*, 3(11), 962–3. <https://doi.org/10.1002/ccr3.365>
- Denney, J. T., Rogers, R. G., Krueger, P. M., & Wadsworth, T. (2009). Adult suicide mortality in the United States: Marital status, family size, socioeconomic status, and differences by sex. *Social Science Quarterly*, 90(5), 1167–1185. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6237.2009.00652.x>

- Dias, D., Mendonça, M. C., Corte Real, F., Vieira, D. N., & Teixeira, H. M. (2014). Suicides in the Centre of Portugal: Seven years analysis. *Forensic Science International*, 234, 22–28. <https://doi.org/10.1016/j.forsciint.2013.10.034>
- Dobash, R., Cavanagh, K., & Lewis, R. (1996). *Abstracts Database - National Criminal Justice Reference Service*. Available from <https://www.ncjrs.gov/App/abstractdb/AbstractDBDetails.aspx?id=47317>
- Druck, S., Carvalho, M.S., Câmara, G., & Monteiro, A. (2004). *Análise Espacial de Dados Geográficos*. Planaltina -DF. Available from <http://livimagens.sct.embrapa.br/amostras/00075490.pdf>
- Dugas, E. N., Low, N. C., Loughlin, E. K., & O., Loughlin, J. L. (2015). Recurrent suicidal ideation in young adults. *Canadian Journal of Public Health*, 106(5), e303–e307. <https://doi.org/10.17269/CJPH.106.4774>
- Glewwe, P., & Kassouf, A. L. (2012). The impact of the Bolsa Escola/Familia conditional cash transfer program on enrollment, dropout rates and grade promotion in Brazil. *Journal of Development Economics*, 97(2), 505–517. <https://doi.org/10.1016/j.jdeveco.2011.05.008>
- Gonçalves, L. R. C., Gonçalves, E., & De Oliveira, L. B. (2011). Determinantes espaciais e socioeconômicos do suicídio no brasil: Uma abordagem regional. *Nova Economia*, 21(2), 281–316. <https://doi.org/10.1590/S0103-63512011000200005>
- Grigoriev, P., Doblhammer-Reiter, G., & Shkolnikov, V. (2013). Trends, patterns, and determinants of regional mortality in Belarus, 1990-2007. *Population Studies*, 67(1), 61–81. <https://doi.org/10.1080/00324728.2012.724696>

- Hong, J., & Knapp, M. (2013). Geographical inequalities in suicide rates and area deprivation in South Korea. *The Journal of Mental Health Policy and Economics*, *16*(3), 109–119. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24327481>
- Hsu, C. Y., Chang, S. S., Lee, E. S. T., & Yip, P. S. F. (2015). “Geography of suicide in Hong Kong: Spatial patterning, and socioeconomic correlates and inequalities.” *Social Science and Medicine*, *130*, 190–203. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2015.02.019>
- Khan, O. A., Davenhall, W., Ali, M., Castillo-Salgado, C., Vazquez-Prokopec, G., Kitron, U., ... Clements, A. C. A. (2010). Geographical information systems and tropical medicine. *Annals of Tropical Medicine and Parasitology*, *104*(4), 303–18. <https://doi.org/10.1179/136485910X12743554759867>
- Klomek, A. B., Kleinman, M., Altschuler, E., Marrocco, F., Amakawa, L., & Gould, M. S. (2013). Suicidal adolescents’ experiences with bullying perpetration and victimization during high school as risk factors for later depression and suicidality. *Journal of Adolescent Health*, *53*(1 SUPPL), S37–S42. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2012.12.008>
- Labouliere, C., Kleinman, M., & Gould, M. (2015). When Self-Reliance Is Not Safe: Associations between Reduced Help-Seeking and Subsequent Mental Health Symptoms in Suicidal Adolescents. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, *12*(4), 3741–3755. <https://doi.org/10.3390/ijerph120403741>
- Langhinrichsen-Rohling, J., Friend, J., & Powell, A. (2009). Adolescent suicide, gender, and culture: A rate and risk factor analysis. *Aggression and Violent Behavior*. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2009.06.010>

- Lee, W. Y., Khang, Y. H., Noh, M., Ryu, J. I., Son, M., & Hong, Y. P. (2009). Trends in educational differentials in suicide mortality between 1993 - 2006 in Korea. *Yonsei Medical Journal*, 50(4), 482–492. <https://doi.org/10.3349/ymj.2009.50.4.482>
- Li, Z., Page, A., Martin, G., & Taylor, R. (2011). Attributable risk of psychiatric and socio-economic factors for suicide from individual-level, population-based studies: A systematic review. *SocSci Med.*, 72(4).(608), 16. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21211874>
- Machado, D. B., Rasella, D., & Dos Santos, D. N. (2015). Impact of income inequality and other social determinants on suicide rate in Brazil. *PloS One*, 10(4), e0124934. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0124934>
- Margaritis, D., Thrun, S., Faloutsos, C., Moore, A. W., & Cooper, G. F. (2003). Learning Bayesian Network Model Structure from Data. *Learning*, (May).
- Mark, T. (2014). An Observational Study of Bullying as a Contributing Factor in Youth Suicide in. *CanJPsychiatry*, 5959(1212), 632–638.
- Middleton, N., Sterne, J. A. C., & Gunnell, D. (2006). The geography of despair among 15-44-year-old men in England and Wales: putting suicide on the map. *Journal of Epidemiology and Community Health*, 60(12), 1040–7. <https://doi.org/10.1136/jech.2005.045302>
- Minayo, M. C. D. S., Pinto, L. W., Assis, S. G. De, Cavalcante, F. G., & Mangas, R. M. D. N. (2012). Tendência da mortalidade por suicídio na população brasileira e idosa, 1980-2006. *Revista de Saúde Pública*, 46(2), 300–309. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102012000200012>

- Moore, D. A., & Carpenter, T. E. (1999). Spatial analytical methods and geographic information systems: use in health research and epidemiology. *Epidemiologic Reviews*, 21(2), 143–161. <https://doi.org/10.1093/oxfordjournals.epirev.a017993>
- Ngamini Ngui, A., Apparicio, P., Moltchanova, E., & Vasiliadis, H. M. (2014). Spatial analysis of suicide mortality in Québec: Spatial clustering and area factor correlates. *Psychiatry Research*. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2014.07.033>
- Nielsen, T. D., & Jensen, F. V. (2009). *Bayesian networks and decision graphs*. Media., Springer Science & Business.
- Nunes, L. (2013). Distribuição Espacial da Pobreza no Paraná. *Revista de Economia*, 39(3).
- Oliveira, M. A. De, Ribeiro, H., & Castillo-Salgado, C. (2013). Geospatial analysis applied to epidemiological studies of dengue: a systematic review. *Brazilian Journal of Epidemiology*, 16(4), 907–17. <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2013000400011>
- Otsu, A., Araki, S., Sakai, R., Yokoyama, K., & Scott Voorhees, A. (2004). Effects of urbanization, economic development, and migration of workers on suicide mortality in Japan. *Social Science & Medicine*, 58(6), 1137–1146. [https://doi.org/10.1016/S0277-9536\(03\)00285-5](https://doi.org/10.1016/S0277-9536(03)00285-5)
- Parana Institute of Economic and Social Development. (2004). *Leituras regionais : mesorregiões geográficas paranaenses*. Curitiba. <http://www.ipardes.gov.br>
- Parana Institute of Economic and Social. (2014). *Tipologia dos municípios paranaenses segundo indicadores socioeconômico e demográficos*. Curitiba. <http://www.ipardes.gov.br>

- Perobelli, F.S., Haddad, E. (2006). The Brazilian Inter-Regional Trade Pattern: 1985 and 1997. *Rev Econ Contemp.*, 10., 115–138. <http://www.scielo.br/pdf/rec/v10n1/03.pdf>
- QGIS Development Team. (2015). QGIS Geographic Information System. Open Source Geospatial Foundation Project. <http://qgis.osgeo.org%0A>
- Qi, X., Hu, W., Mengersen, K., & Tong, S. (2014). Socio-environmental drivers and suicide in Australia: Bayesian spatial analysis. *BMC Public Health*, 14, 681. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-14-681>
- Qi, X., Hu, W., Page, A., & Tong, S. (2012). Spatial clusters of suicide in Australia. *BMC Psychiatry*, 12(1), 86. <https://doi.org/10.1186/1471-244X-12-86>
- Qi, X., Tong, S., & Hu, W. (2010). Spatial distribution of suicide in Queensland, Australia. *BMC Psychiatry*, 10(1), 106. <https://doi.org/10.1186/1471-244X-10-106>
- R Development Core Team. (2008). R: A language and environment for statistical computing. doi:. ISBN 3-900051-07-0
- Rehkopf, D. H., & Buka, S. L. (2006). The association between suicide and the socio-economic characteristics of geographical areas: a systematic review. *Psychological Medicine*, 36(2), 145–157. <https://doi.org/10.1017/S003329170500588X>
- Reis, M. (2010). Cash transfer programs and child health in Brazil. *Economics Letters*, 108(1), 22–25. <https://doi.org/10.1016/j.econlet.2010.04.009>

- Saman, D. M., Walsh, S., Borowko, A., & Odoi, A. (2012). Does place of residence affect risk of suicide? a spatial epidemiologic investigation in Kentucky from 1999 to 2008. *BMC Public Health*, 12(108), 1471–2458. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-12-108>
- Santana, P., Costa, C., Cardoso, G., Loureiro, A., & Ferrão, J. (2015). Suicide in Portugal: Spatial determinants in a context of economic crisis. *Health and Place*, 35, 85–94. <https://doi.org/10.1016/j.healthplace.2015.07.001>.
- Scutari, M. (2010). Learning Bayesian Networks with the bnlearn R Package. *Journal of Statistical Software*, 35(3), 1–22. <https://doi.org/10.18637/jss.v035.i03>
- Shadick, R., Dagirmanjian, F. B., & Barbot, B. (2015). Suicide risk among college students: The intersection of sexual orientation and race. *Crisis*, 36(6), 416–423. <https://doi.org/10.1027/0227-5910/a000340>
- Tsamardinos, I., Aliferis, C. F., Statnikov, A. R., & Statnikov, E. (2003). Algorithms for Large Scale Markov Blanket Discovery. *Flairs.*, 376–380. Retrieved from <https://pdfs.semanticscholar.org/ad36/ee1fc35c48af52ca7bc4d222b2deb6a95409.pdf>
- Velez Ce, De Barros Rp, Ferreira F, Elbers C, Lanjouw Jo, Lanjouw P, et al. (2004). *Inequality and economic development in Brazil*. Washington, DC.
- Waiselfisz, J. J. (2014). Mapa da Violência 2014 - Os Jovens do Brasil. *Flacso*. http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf

- WHO. (2011). *ICD-10. International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems. 10th revision, edition 2010. 3 v.* Geneva.
http://www.who.int/classifications/icd/ICD10Volume2_en_2010.pdf
- Wyatt, L. C., Ung, T., Park, R., Kwon, S. C., Trinh-Shevrin, C., Hoeffel, E., ... Hankivsky, O. (2015). Risk Factors of Suicide and Depression among Asian American, Native Hawaiian, and Pacific Islander Youth: A Systematic Literature Review. *Journal of Health Care for the Poor and Underserved*, 26(2A), 191–237. <https://doi.org/10.1353/hpu.2015.0059>
- Yoon, T.-H., Noh, M., Han, J., Jung-Choi, K., & Khang, Y.-H. (2015). Deprivation and suicide mortality across 424 neighborhoods in Seoul, South Korea: a Bayesia spatial analysis. *International Journal of Public Health*, 60(8), 969–976. <https://doi.org/10.1007/s00038-015-0694-7>

CAPÍTULO III

3.1 Artigo 2: “FORMAÇÃO DE IDENTIDADE EM ADOLESCENTES INFRATORES: EXPERIÊNCIA ATRAVÉS DE SEUS PRÓPRIOS OLHOS”

(Artigo redigido de acordo com as normas da Revista Wulfenia- Impact Factor: 2.00)

Formação de identidade em adolescentes infratores: experiência através de seus próprios olhos

Ana Carolina Jacinto Alarcão^{1*}, Maria Dalva de Barros Carvalho¹

¹ Department of Health Sciences - State University of Maringa, Maringa, Parana, Brazil

*Corresponding author:

Ana Carolina Jacinto Alarcão, Rua Plínio Pessoa, n. 24. Floresta - Paraná - Brasil. CEP: 87120-000

E-mail: anacjalarcao@gmail.com

Resumo

O objetivo deste estudo foi investigar o processo de formação de identidade de adolescentes infratores em privação de liberdade e a influência do contexto nesse processo, embasados em elementos significativos das histórias de vida narradas pelos próprios sujeitos. O estudo foi delineado como transversal do tipo qualitativo. Foram realizadas entrevistas com o método de história de vida com adolescentes emblemáticos e, posteriormente, a análise em redes para verificar os padrões de conexão semântica dos discursos. Entre os principais resultados, constatou-se que: a experiência dos adolescentes infratores, em especial no ambiente familiar, possibilitou oportunidades regulatórias no processo de formação da identidade; a prática do ato infracional para os adolescentes está cristalizada como possibilidade de aquisição de bens de consumo, respeito e reconhecimento social, anulando as possibilidades emancipatórias; a medida de privação de liberdade se manifestou como uma estrutura de reposição, de manutenção da mesmice; e, finalmente, o projeto de vida demonstrou um movimento a favor da manutenção da heteronomia. Conclui-se que a formação de identidade dos adolescentes infratores privados de liberdade foi

revelada como um processo de possibilidades regulatórias, impedindo o desenvolvimento da capacidade autônoma em busca da emancipação humana. Esse processo de formação de identidade se torna um cenário favorável para a imersão no mundo do crime e para a reincidência criminal.

Palavras-chave: Violência; Delinquência juvenil; Fatores de risco; Identidade.

1. Introdução

A violência criminal cometida por adolescentes é um problema global e seguramente uma das preocupações mundiais (Rengifo, 2014; Margari *et al.*, 2015; Cuervo, & Villanueva, 2015). No Brasil, ocorreu um acréscimo de 461% em 15 anos nos casos de restrição e privação de liberdade para menores infratores, representando um aumento de 4.245 em 1996 para 19.595 em 2011 (Brasil, 2012a), e continuam a crescer (Brasil, 2015). Essa situação se mostra ainda mais alarmante quando se estima, no Brasil, que a cada 100 adolescentes internados, em média 54 voltam a praticar as infrações em maior gravidade, podendo chegar a 75% em algumas regiões (Brasil, 2012b).

Diferentes países lidam de forma distinta com adolescentes infratores no que diz respeito à legislação, responsabilidade criminal e intervenções, mas todos se concentram na concordância e em esforços para a ressocialização de jovens infratores e no combate à reincidência criminal, com foco em centros de detenção juvenis nos casos de crimes mais graves (Brasil, 2012c; Mcguinness, 2016). No entanto, o impacto das intervenções em tais centros demonstra uma inconsistência sobre seu custo-efetividade no processo de ressocialização dos jovens (Ramchand, Morral, & Becker, 2009; Koehler, Losel, Akoensi, & Humphreys, 2013).

As investigações científicas no âmbito da criminalidade juvenil e ressocialização têm se direcionado principalmente às implicações adversas da privação de liberdade em centros de detenção juvenis (Shulman & Cauffman, 2011; Schaefer, & Erickson, 2016), aos impactos dos diferentes métodos de intervenções com jovens infratores (Cleland, 2016; Aginsky, 2008, Jonhs, Williams, & Haines, 2016; Zhang, & Zhang, 2016), aos efeitos protetores e de risco para a criminalidade juvenil (Murray *et al.*, 2015; Nardi, & Dell'Aglio, 2014; Ortega-Campos *et al.*, 2016) e à análise de fatores e associações à reincidência criminal (Cuervo *et al.*, 2015; Entorf, 2012; Joo, & Jo, 2015; Navarro-Perez, & Pastor Seller, 2016). A prática do ato infracional relacionado a outros determinantes, como eventos traumáticos (Piquero, Piquero, & Underwood, 2016; Moore, Gaskin, & Indig, 2013; Zhang, Zhao, Zhao, & Ren, 2016), transtornos psiquiátricos (Listenbee,

2013; Hoeve, McReynolds, & Wasserman, 2014) e uso de drogas (Jimenez, Meireles Andrade, Guimarrães, & Bianchini, 2016; Concha, Iglesias, & Comim, 2013; Entorf, & Winker, 2008) é continuamente investigada. Alguns estudos analisaram a criminalidade enquanto uma questão de identidade (Rocque, Posick, & Paternoster, 2016; Sherretts, Boduszek, & Debowska, 2016; Gavel, & Mandracchia, 2016; Terra, 2010; Abrams, & Hyun, 2009), no entanto, até onde conseguimos encontrar, nenhum estudo investigou o processo de formação de identidade de adolescentes infratores em privação de liberdade com relação a influência do contexto nesse processo, embasados em elementos significativos das histórias de vida narradas pelos próprios sujeitos.

Este estudo aborda essa lacuna e se apoia na teoria do Sintagma Identidade-Metamorfose-Emancipação de Ciampa, que propõe a identidade como um processo relacionado ao movimento do ser humano de vir-a-ser, passando por transformações constantes (metamorfozes) do indivíduo e/ou do ambiente, direcionando-se em um movimento político de busca de autonomia e emancipação da opressão sistêmica (Ciampa, 1987). A concepção dialética da identidade é entendida como construção, reconstrução e desconstrução constantes, no dia a dia do convívio social, na multiplicidade das experiências vividas (Kolyniak, & Ciampa, 1993).

Para explicar a identidade enquanto metamorfose, Ciampa (1987) utilizou elementos de personagens. Isso leva a identidade a se metamorfosear ao longo da trajetória de vida do sujeito, havendo a existência de diferentes personagens (Ciampa, 1987; Ciampa, 2002). Nessa perspectiva, Ciampa (1987) sofreu influências da teoria dos papéis de Sarbin e Scheibe (1983) e ampliou o processo de formação de identidade em categoria de cristalizações (mesmices) e metamorfoses (mesmidades) dos indivíduos, explicitando o caráter opressor da sociedade capitalista. Sob essas proposições, o conceito de identidade engloba concepções de heteronomia e autonomia na busca, ou não, pela emancipação humana. Nesse contexto se desenvolve a diferenciação entre as “identidades políticas” e as “políticas de identidade” (Lima, 2007).

O conceito de “identidade política” possibilita a compreensão de um projeto de vida de determinado indivíduo e a articulação deste com a consciência de si, com a vivência de suas personagens de forma não coercitiva na busca de emancipação humana. Requer que o indivíduo, em seu processo de socialização, busque associação a grupos, ideias, causas que lhe deem sustentação sem aprisioná-lo a eventuais políticas impostas pelo grupo. Dessa forma, o indivíduo encontra espaço para o exercício de sua autonomia por meio do seu processo de individualização.

Opostamente, está o conceito de “política de identidade”, pressupostamente cristalizada, com possibilidades regulatórias que condizem com a forma heterônoma de ser e de agir, estigmatizada e inautêntica (Dantas, & Ciampa, 2014).

O objetivo deste estudo foi investigar o processo de formação de identidade de adolescentes infratores em privação de liberdade e a influência do contexto nesse processo, embasados em elementos significativos das histórias de vida narradas pelos próprios sujeitos. Investigar os sentidos atribuídos pelos adolescentes ao ato infracional cometido.

2. Métodos

2.1 Considerações Éticas

Este estudo foi aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos - COPEP da Universidade Estadual de Maringá - UEM (Parecer 448005/13) e pela Secretaria de Estado e Desenvolvimento Social do Estado do Paraná - SEDS- BRASIL. O consentimento livre e esclarecido foi obtido junto a todos os participantes envolvidos no estudo.

2.2. Desenho do estudo

O estudo foi delineado como transversal do tipo qualitativo com base na teoria do Sintagma Identidade-Metamorfose-Emancipação de Ciampa (1987). Foi investigado se as metamorfoses identitárias dos adolescentes apresentavam ou não sentidos emancipatórios, e como a história de vida e as relações construídas influenciaram nesse processo.

A sequência metodológica deste estudo seguiu duas abordagens que se integraram: a) entrevistas com o método de história de vida com adolescentes infratores em privação de liberdade considerados emblemáticos; b) mineração de texto com análise em redes para verificar os padrões de conexão semântica dos discursos dos adolescentes. A construção de redes semânticas permite abordagens analíticas visuais que, combinadas à análise de dados, favorecem os processos de compreensão e construção do conhecimento (Drieger, 2013). A pesquisa qualitativa foi realizada e apresentada com base em critérios consolidados para relatar pesquisa qualitativa (Tong, Sainsbury, & Craig, 2007).

2.3 Quadro Teórico

Para entender como o objeto do estudo se manifesta, das abordagens qualitativas, a história de vida se mostrou a mais apropriada como método de coleta de dados. Tem sido muito utilizada

em investigações com o foco na cronologia de acontecimentos importantes para ativar a compreensão do processo histórico (Lou, & Carr, 2004) com o propósito de analisar influências, significados e o desenvolvimento em que se dá o indivíduo (Atkinson, 1998). Esse método condiz com o objeto da presente pesquisa, uma vez que estudos sobre formação da identidade humana precisam de compreensão enquanto processo contínuo, analisando, além do momento atual, seu percurso histórico pessoal e o ambiente no qual está inserido (Ciampa, 2002).

A perspectiva teórica que permeia este estudo são os postulados teóricos de Antonio da Costa Ciampa sobre identidade como categoria da Psicologia Social em que se utiliza do materialismo histórico como referencial e do método dialético para sua construção. Ciampa (1984), como psicólogo, compreende a identidade como metamorfose (constante transformação), destacando a história pessoal dos sujeitos, o contexto histórico, social e seus projetos. Para o autor, o conceito de identidade tem sido examinado sob a dinâmica de constituição do sujeito.

A metamorfose identitária pode assumir diferentes sentido. Quando ocorre como simples reposição, sem questionamentos e/ou responsabilidades por parte do próprio indivíduo, ou seja, sem autonomia, o sujeito ao repor a identidade pressuposta fica prisioneira de uma personagem que lhe foi atribuída de modo heterônomo, permanecendo numa mesmice que, impede novas experiências e relações que lhe garantam melhor qualidade de vida. Opostamente, a metamorfose pode ocorrer como superação, quando o sujeito emancipa-se de valores estigmatizantes e preconceituosos impostos pela sociedade e/ou apropriado pelo indivíduo, possibilitando assim um agir livre e criativo, com autenticidade, que envolve auto reflexão e autodeterminação (Miranda, 2014):

Este debate toma especial relevância, pois interfere na análise das relações estabelecidas entre indivíduo e seu contexto social, demarcando tanto os determinantes que atuam na manutenção da prática do crime por adolescentes quanto às diferentes possibilidades de ressocialização.

2.4 Seleção dos Participantes

A amostra foi intencionalmente selecionada de acordo com os objetivos da pesquisa para a identificação de sujeitos emblemáticos. Os critérios que configuraram tais casos foram adolescentes infratores em cumprimento de medida socioeducativa de privação de liberdade com histórias de vida associadas à prática de atos infracionais. O sujeito emblemático possibilita um leque maior de intervenções para análise e proporciona a investigação do singular que se

materializa no universal (Campos, 2007). Para a escolha dos sujeitos, foram analisados documentos e relatórios dos 63 adolescentes em privação de liberdade da instituição. Como informantes, utilizamos os profissionais (psicólogos e assistentes sociais) e o diretor da instituição.

A amostra foi composta por cinco adolescentes do sexo masculino com idade média de 17 anos, considerados emblemáticos para o processo de investigação. A história de Caio foi escolhida para ser descrita entre as demais em função de um potencial significativo em transgressões no decorrer de sua vida. Pseudônimos foram utilizados para proteger a privacidade dos adolescentes e as suas histórias de vida.

Não havia nenhuma relação prévia ao estudo entre pesquisadora e participantes da pesquisa, os quais foram identificados pela primeira vez no local da entrevista. Os participantes também não dispunham de nenhum conhecimento ou informações sobre a entrevistadora.

2.5 Características do entrevistador

A entrevistadora possui formação em psicologia, competência relacionada à prática da pesquisa e atuação profissional na área da criança e adolescente e interfaces com a violência. As entrevistas foram realizadas e transcritas exclusivamente pela primeira autora e pesquisadora do estudo, que possui conhecimento e prática em técnicas de entrevistas qualitativas.

2.5.1 Procedimento de entrevista

Os procedimentos para a realização da pesquisa observaram rigorosamente as normativas quanto à rotina de segurança de um Centro Socioeducativo de Restrição de Liberdade, incluindo a formalização de um contrato entre pesquisadora e Estado com cláusulas referentes a compromissos, vedações e condutas do pesquisador durante a entrevista.

A coleta de dados consistiu na realização de entrevistas individuais. Os participantes receberam informações completas sobre o escopo da pesquisa, a identidade e filiação da pesquisadora. O estudo foi realizado mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos adolescentes e pelo representante legal da instituição de internação, responsável pela tutela do adolescente durante a privação de liberdade. Os sujeitos foram informados de forma veemente sobre a garantia do anonimato, sigilo e privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Os participantes receberam todas as outras informações exigidas em conformidade com as políticas e normativas sobre pesquisas.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas abertas em profundidade (Patton, 1990) entre os meses de março a julho do ano de 2015. As entrevistas foram realizadas individualmente face a face em sala reservada na própria instituição somente com a presença da pesquisadora e do adolescente entrevistado. Primeiramente, foi realizada uma entrevista piloto para que se pudesse alinhar e realizar as adequações necessárias ao objetivo do estudo.

A realização do rapport, que ocorreu de forma prolongada, foi necessária para que o adolescente compreendesse todas as informações sobre a pesquisa e desvinculasse a imagem da entrevistadora da dos profissionais da instituição de internação e de seus processos jurídicos. Foram realizados três encontros com cada adolescente com a duração média de 1 hora para cada entrevista. A condução das entrevistas foi realizada com perguntas abertas. Para cobrir todos os aspectos da investigação, antes de cada entrevista em profundidade, a pesquisadora ouvia as gravações da entrevista anterior e fazia anotações dos pontos ainda não abrangidos.

As entrevistas foram gravadas em áudio, com o consentimento dos entrevistados, para garantir mais fidedignidade e possibilitar um ouvir mais atento aos discursos sobre as vivências em sua singularidade e subjetividade. Foram transcritas na íntegra pela própria entrevistadora com registro de todas as observações e, em seguida, devolvidas aos participantes para comentários e correções. A leitura pelos adolescentes das transcrições de suas entrevistas é considerada um método de controle de qualidade e validação (Silvestre, Fialho, & Saragoça, 2015). Após as transcrições das entrevistas serem validadas pelos adolescentes, as gravações dos áudios foram excluídas.

Não houve recusa de nenhum adolescente em participar da pesquisa. Foi realizada a devolutiva dos resultados para os sujeitos participantes e os responsáveis do Centro de Socioeducação onde a pesquisa foi desenvolvida.

2.6 Método de Análise

O método de análise contou com dois momentos: 1 - Análise das narrativas das histórias de vida para a compreensão do processo da formação identitária e; 2 - Sistematização das redes de conexões semânticas.

1 - Análise das narrativas das histórias de vida para a compreensão do processo da formação identitária: o método de história de vida foi aplicado por meio de entrevistas abertas para análise do movimento regressivo (história de vida) e progressivo (projetos de vida) como forma de

compreensão da formação identitária. A análise evidencia momentos determinantes das vivências dos adolescentes infratores em privação de liberdade, em especial as possibilidades emancipatórias ou regulatórias oferecidas pelo contexto e o processo de metamorfose identitária (Ciampa, 1987). Foi elaborada a linha cronológica da história de vida de Caio, um adolescente representativo sobre influências e prática de atos infracionais como momentos determinantes para sua formação identitária.

2 - Rede de conexões semânticas: a análise dos discursos foi realizada a partir da sistematização do conteúdo das entrevistas em redes de conexões semânticas, as quais possibilitaram a identificação de padrões de discurso dos adolescentes por associações e frequência entre palavras em cada núcleo temático revelado nas entrevistas.

Foram aplicadas técnicas de mineração de texto para a análise dos padrões semânticos da seguinte forma: a) remoção de conectores entre as palavras (artigos, advérbios, interjeições, entre outros); b) redução de verbos para radicais (stemização); c) redução de pontuações; d) revisão manual do *corpus* para limpeza; e) diminuição do percentual de termos esparsos (aceitação de 70%). A revisão manual foi necessária, pois os algoritmos para mineração de texto são ajustados para a língua inglesa. Após essa etapa, foi gerada uma matriz com a co-ocorrência, uma frequência de palavras nos mesmos parágrafos que foi estudada por um método de análise de rede (Wagenmakers *et al.*, 2011; Epskamp *et al.*, 2016).

A rede foi construída com (1) cada palavra da matriz de co-ocorrência entrando como um nodo (representação circular, nas figuras). Esses nodos foram conectados pelas hastes (2), de forma que a espessura (intensidade da cor) exprimisse a força da haste, que é a conexão entre dois representando a intensidade da sua co-ocorrência. As hastes tiveram uma disposição ponderada de itens. Uma rede não-direcional, com algoritmo de posicionamento, foi utilizada de tal forma que quanto mais próximos os nodos (palavras), maior é a associação entre os termos. As palavras mais citadas foram representadas pelos maiores nodos, e as palavras com mais emissão de hastes são consideradas principais conectores.

Esses passos representam uma configuração de rede bipartite, na qual as palavras expressas nos mesmos parágrafos teriam uma relação maior (direta) com relações indiretas estabelecidas pela presença de palavras em comum. Duas palavras que não compartilharam outros termos foram consideradas pouco (não) associadas. Como indicadores descritivos da rede, foi utilizado o conceito de *betwensness* (conectores) para identificar os termos que eram mais importantes nas

adolescentes infratores indicou duas aglomerações relevantes com as palavras “mãe” e “violência” como principais conectores, os quais revelaram contextos vivenciados no ambiente familiar marcados por aspectos que não possibilitaram condições para metamorfoses emancipatórias.

Os nodos com “mãe”, “pai” e “crime” apareceram como os maiores da rede, simbolizando que foram as palavras mais citadas durante os relatos sobre relações familiares.

A primeira aglomeração de palavras identificada na rede possui como principal conector a palavra “mãe”, que está associada de forma mais acentuada com as palavras “pai” e “irmão” e de forma mais suave com as palavras “tempo”, “vida”, “amor” e “sofrer”. Isso revelou a vivência familiar dos adolescentes especialmente relacionada à figura da “mãe”, marcada por sentimentos ambivalentes, representados pelas associações com as palavras “amor” e “sofrer”. A palavra “tempo” se apresentou sobreposta à palavra “mãe”, que está associada, conforme as histórias de vida, à disponibilização do tempo para a construção das relações vinculares e afetivas, como representado em uma das falas:

“Minha mãe nunca teve tempo pra mim, trabalhava muito e não tinha paciência. Sempre me batia. Eu vivi mais nas ruas do que em casa.”(Ax , 18 anos de idade, 1ª entrevista).

A estrutura da rede expôs outro cluster com a palavra central “violência”, que mesmo se apresentando como um nodo pequeno, palavra de menor frequência nos discursos, revelou-se como o principal conector, associada aos termos “crime”, “matar”, “atenção”, “saúde” e “batia”. A correlação mais expressiva desse cluster foi demonstrada na associação entre as palavras “violência - batia” e “violência - matar - atenção” por meio de maior intensidade das espessuras das hastes.

A organização das associações das palavras nesse cluster remete a indivíduos com discursos voltados à heteronomia, com relações familiares disfuncionais, como representado em uma das falas:

“Meu pai é vivo mas não tenho contato com ele. Meu pai bebia e deixava faltar as coisas dentro de casa. Minha mãe casou de novo [...] Meu padrasto sempre me batia e eu contava pra um amigo, daí ele aconselhou eu comprar um revólver pra me defender. Não tinha dinheiro, daí fiz negócio com o que eu tinha, peguei meu videogame, a bicicleta, o celular, fui e troquei tudo numa arma, voltei pra casa e na primeira vez que tentou me bater atirei no meu padrasto, eu tinha 12 anos. Daí fui conhecendo uns caras e me envolvendo cada vez mais no crime.” (Ay, 17 anos de

idade, 2ª entrevista).

O ambiente familiar configurou características de convívio marcadas por aspectos que representam relações colonizadas, evidenciando possibilidades regulatórias para a formação identitária dos adolescentes.

3.2 Trajetória no mundo do crime

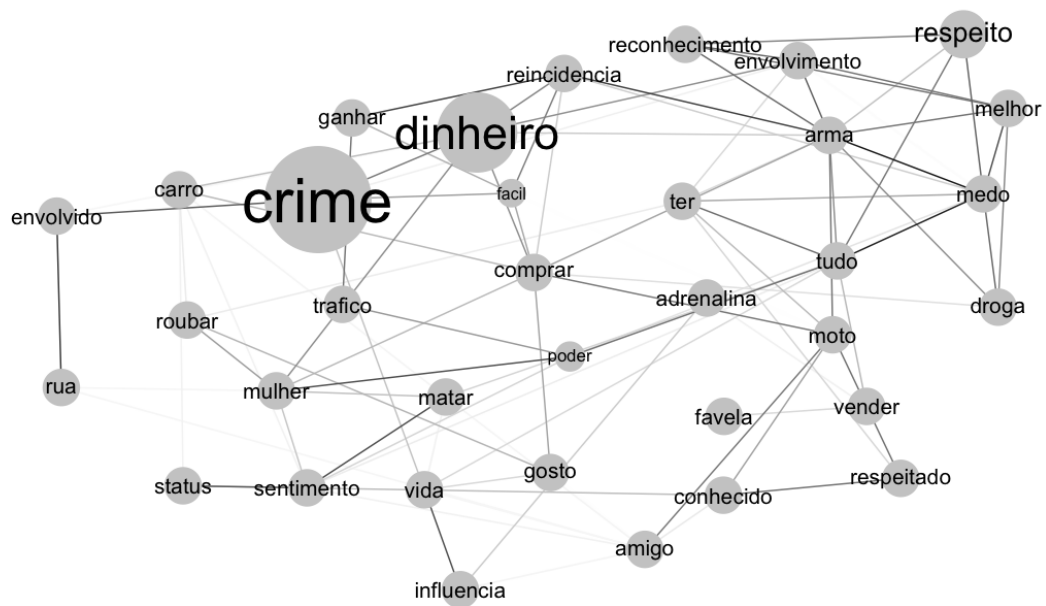


Figura 2. Rede de conexões semânticas dos discursos dos adolescentes infratores em medida socioeducativa de internação sobre a trajetória no mundo do crime.

Ao analisar a rede (Figura 2), foi possível identificar conexões multidifusas, com destaque às palavras “arma”, “tudo”, “dinheiro”, “comprar” e “crime” como as principais conectoras interligadas pelas palavras “reincidência”, “ter” e “fácil”, o que demonstrou o foco do discurso dos adolescentes em conceitos manifestos pelas políticas de identidade expressas pelas normativas culturais de consumo associadas ao ato infracional.

A palavra "crime" se apresentou como o maior nodo da rede, associado de forma mais espessa com “dinheiro - fácil”, “dinheiro - reincidência”, “ganhar - reincidência”, e “comprar - ter”,

revelando significados das falas dos adolescentes com uma orientação altamente heteronômica:

“Eu cresci sempre vendo os outros ser mais do que eu, sempre eu sendo menos que os outros, daí eu pensei, tá na hora de eu ser alguém na vida, aí o crime dá isso, vai sentindo aquele poder, vai tendo mulher, moto, vai tendo dinheiro, vai tendo tudo que você quer, vai tendo respeito. Permaneci no crime por causa da ambição, querer ter tudo que vê, você está no bairro e todo mundo te olha diferente, no crime tem dinheiro fácil, adrenalina, tem como mostrar poderoso e ter o respeito e medo dos outros.” (Ax , 18 anos de idade, 2ª entrevista).

A rede semântica apresentou um cluster de conexões com a palavra central “arma”, associada de forma mais acentuada com as palavras “melhor”, “medo”, “tudo” e “reconhecimento”, expressando a significado e os sentimentos que a posse de uma arma proporciona aos adolescentes.

“Um homem armado vale mais que mil homens. Aí sim consegue o que quer, aí sim tem respeito.” (Az, 17 anos, 3ª entrevista).

A estrutura da rede explorou um padrão semântico sobre o desejo de consumo e poder e sua inter-relação com o sentimento de respeito e reconhecimento, demonstrando um discurso direcionado à heteronomia, com possibilidades regulatórias para a formação identitária e categorias de cristalizações (mesmices) para a prática de reincidência criminal.

3.3 Vivência da medida socioeducativa de internação

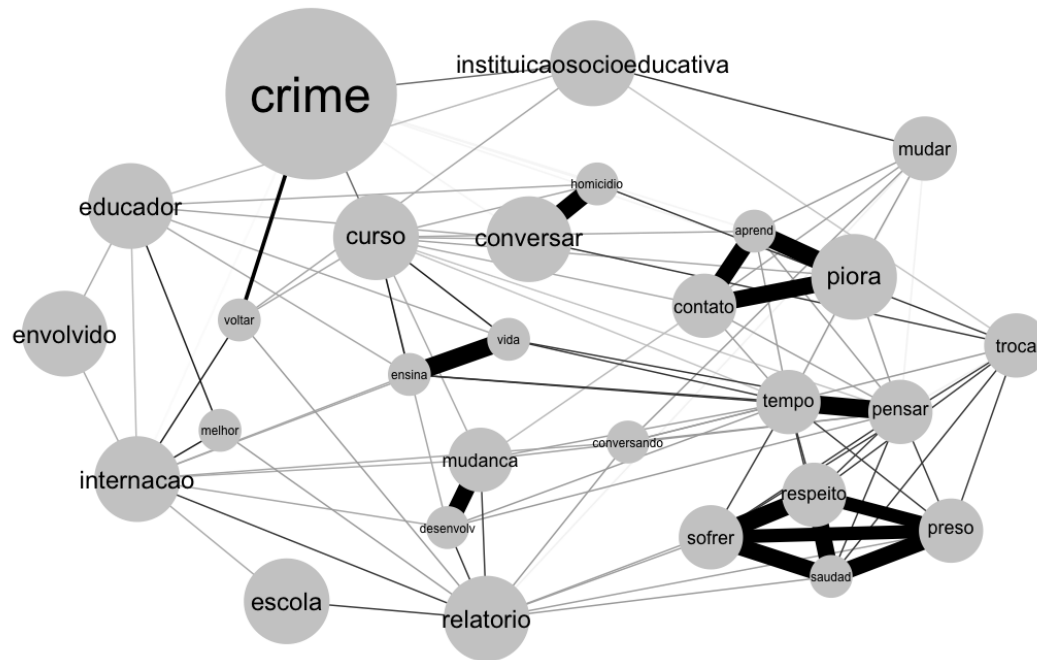


Figura 3. Rede de conexões semânticas dos discursos dos adolescentes infratores sobre a vivência da medida socioeducativa de internação.

Ao analisar a rede semântica (Figura 3), a palavra “crime” se mostrou como o maior nodo, revelando ser o termo mais citados nos discursos; no entanto, os principais conectores foram as palavras dispersas na rede: “tempo”, “curso”, “relatório”, “internação” e “educador”.

Entre os principais conectores, as palavras “curso” e “tempo” se apresentaram como conectores centrais da rede. O termo “curso” apresentou uma associação acentuada com as palavras “ensino” e “vida”, demonstrando aspectos positivos da experiência de realização de cursos profissionalizantes na instituição. A palavra “tempo” emitiu ligações para a formação do cluster “respeito - preso - saudade - sofrer”, revelando sentimentos que a privação de liberdade mobiliza nos adolescentes.

De forma mais isolada, em uma posição de emissão de hastes, os demais conectores principais da rede, “relatório”, “internação” e “educador”, demonstraram ligações espessas e acentuadas entre termos. As associações das palavras indicaram o significado da medida de internação para os adolescentes.

A associação entre “internação - relatório” é representado em uma das falas:

“[...] a coisas mais importante aqui dentro é o que vai no relatório, esse documento é que tem o poder de fazer o juiz tomar a decisão de soltar ou não a gente.” (Aw, 18 anos, 3ª entrevista).

A relação entre “internação - voltar - crime” é demonstrada através do discurso:

“[...] pode até ser que um adolescente melhora sim depois de ficar aqui dentro, mas a maioria volta a cometer crime.” (Ax, 18 anos de idade, 2ª entrevista).

A associação entre as palavras “internação - melhor - educador” demonstrou que, mesmo possuindo experiências com sentimentos ambivalentes entre os adolescentes, prevaleceu como figura de referência vincular:

“Os educadores sociais querem respeito, com isso fica de boa com eles, são os que mais conversamos todos os dias, a gente conta coisas da vida, até dão conselho pra gente ficar de boa.” (Aw, 18 anos, 2ª entrevista)

A rede expressou também ligações de grande intensidade entre as palavras: “piora - aprender - contato”. Os discursos manifestaram que o convívio entre adolescentes em conflito com a lei na instituição acaba por se apresentar como um espaço de aprendizagem de novas habilidades ligadas a um estilo de vida de transgressão.

“[...] quando eu caí aqui dentro eu não sabia nada do crime, mas conversando com outros adolescentes daí sim eu fui saber o que era o crime, tudo sobre lei, o que fazer e dar certo e dar errado, muito contatos, acaba até marcando pra fazer alguma coisa lá fora juntos, piora cada vez mais, aqui dentro só melhora pro crime.” (Az, 17 anos, 2ª entrevista).

A análise geral da rede demonstrou que mesmo com os conectores “curso” e “educador” revelando-se como contextos potencializadores de possibilidades emancipatórias durante a medida socioeducativa de privação de liberdade, a análise global das conexões da rede manifestou que o contexto da medida de internação não se apresentou como potencializador de possibilidades

“Vou sair daqui e meu sonho é morar com minha família, ser alguém, por isso vou continuar investindo nos estudos, sou novo e sei que o meu futuro vai depender disso.” (Aw, 18 anos, 2ª entrevista)

A rede semântica apresentou também um cluster que possui como conector central a palavra “sonho”, ligada de forma mais intensa às palavras “família”, “casa e “filho”, revelando o ideal emancipador da família numa perspectiva futura. Os discursos evidenciaram que independentemente das experiências anteriores que os adolescentes tiveram com a família, os planos para o futuro se relacionam com pretensões de construção de vínculos afetivos a figuras familiares:

“Minha mãe o principal motivo de sair dessa vida. É muito sofrimento, ela não merece. Quando sair daqui quero ficar de boa com a família.” (Ay, 17 anos de idade, 3ª entrevista).

“Meus objetivos é sair daqui e dar orgulho pro meu pai, pra minha família, ser alguém na vida.” (Az, 17 anos, 2ª entrevista)

Contudo, quando aprofundada a investigação sobre projeto de vida, os relatos revelaram o foco da perspectiva no poder de aquisição, representado pelo nodo “dinheiro”, associado de forma mais acentuada com “biqueira (local de tráfico, venda de drogas) - comprar - investir”:

“Foi na biqueira que me desenvolvi, só lá tenho futuro” (Az, 17 anos, 2ª entrevista), *“Quando sair daqui quero comprar um carro e uma casa, e pra isso vou ter que trabalhar, mas sei que não vai ser fácil.”* (Ax, 18 anos, 2ª entrevista)

Outra ligação forte com o nodo “dinheiro” foram as associações das palavras “futuro - curso - trabalhar”, com uma interligação paralela entre “futuro - difícil”, demonstrando que possuem consciência da dificuldade de manutenção financeira após cumprimento da medida de privação de liberdade.

A análise dos discursos indicou também que a ausência de boas perspectivas leva os adolescentes a perceberem o futuro ausente de possibilidades e, quando questionados sobre os

projetos de vida, afirmam:

“Eu não sei, eu acho, que quando eu sair daqui eu vou tentar melhorar, mas eu não sei se vou conseguir, muito difícil.” (Aw, 18 anos, 2ª entrevista)

“É só quando eu sair daqui pra responder essa sua pergunta, eu não sei sobre meu futuro” (Ax, 18 anos de idade, 2ª entrevista).

Mesmo com boas pretensões, a análise da rede semântica e os discursos demonstraram projetos de vida colonizados e fundamentados em políticas de identidade para a mesmice heteronômica.

3.5 Um caso que sustenta a proposição do estudo: A história de Caio e seu percurso no mundo do crime

Nesta seção, será apresentada a história de Caio, adolescente infrator em privação de liberdade, que reforça a ideia sobre a influência do contexto em proporcionar possibilidades emancipatórias ou regulatórias no processo de construção da identidade.

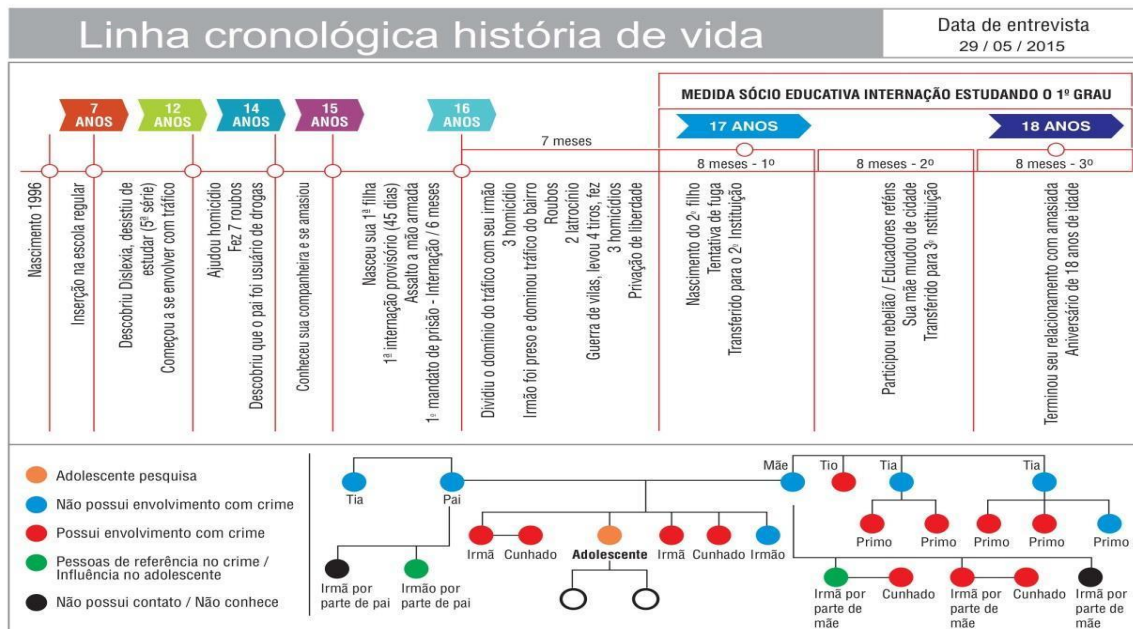


Figura 5. Linha cronológica da história de vida de um adolescente infrator em privação de liberdade

Conforme relato da sua história de vida, Caio teve uma infância humilde, com dificuldades financeiras, vivendo em um bairro pouco estruturado. Possui uma família bem numerosa, com quatro irmãos da união dos pais e mais cinco de relacionamentos anteriores. Sua infância e adolescência foram marcadas por momentos de dificuldade e ambientes pouco estimulantes, que restringiam vivências de diversidade de papéis. No momento do seu relato, era reincidente de internação, estava em cumprimento de medida socioeducativa há dois anos e quatro meses, passando por três instituições durante esse período. Entre os familiares, cinco dos irmãos eram envolvidos com a prática de atos infracionais, sendo um deles a grande referência para a sua entrada e permanência no mundo do crime.

“[...] comecei a me envolver, porque eu vi três irmãs minhas traficando e um irmão também, aí eu fui indo junto, indo junto, indo junto, parei de estudar, aí quando eu me envolvi, me envolvi de vez, meu irmão tinha muito contatos e fui tendo uma visão do crime, daí fui crescendo neste mundo, fui evoluindo no crime.”

A família, especialmente na relação com os irmãos, instigou o papel de criminoso. Seu início na prática infracional ocorreu por volta dos dez anos e possui hoje uma vasta ficha. O crime, nesse contexto, emergiu como um ambiente que permitiu se emancipar da situação de vulnerabilidade, realizando-se pessoal e profissionalmente, considerando o tráfico de drogas como uma atividade continuada de recompensa monetária. A rede semântica (Figura 2) demonstra, a partir dos conectores “crime”, “dinheiro” e “comprar”, o enfoque na busca por visibilidade, respeito e recurso financeiro por meio do crime.

“[...] no tráfico se ganha dinheiro, respeito, a humildade dos outros e ainda sentimento de poder. Sei que isso não dura pra sempre, mas é o que me faz permanecer no crime.”

Nesse contexto, o papel no crime dominou sua expressão identitária, uma opressão perante a redução de sua identidade a uma única personagem. A vivência do mesmo papel continuamente acaba por encapsular o indivíduo no papel de infrator, cristaliza cada vez mais o papel de bandido, anula as possibilidades emancipatórias, expressando um processo de metamorfose direcionado para a colonização, o que pode levar às reincidências criminais.

Aspectos da rede semântica (Figura 4) sobre projetos de vida são notoriamente atrelados a direções regulatórias. A palavra “dinheiro” e suas associações assumem aspectos de identidade heteronômica no projeto de vida pela credibilidade no potencial emancipatório da personagem de criminoso.

Esse movimento reforça a busca de reconhecimento que fortalece a posição no crime, mas que acaba por indicar uma metamorfose no sentido da *mesmice*, da reposição da identidade e se mostra como um facilitador da colonização do mundo da vida. A história de Caio demonstra a influência do contexto em proporcionar possibilidades regulatórias no processo de construção da identidade do adolescente.

4. Discussão

Até nosso conhecimento, este foi o primeiro estudo que analisou as possibilidades emancipatórias ou colonizadoras no processo de formação da identidade em adolescentes infratores em uma instituição de cumprimento de medida socioeducativa de internação.

Entre os principais resultados, constatou-se que: a experiência dos adolescentes infratores, em especial no ambiente familiar, possibilitou oportunidades regulatórias no processo de formação da identidade; a prática do ato infracional para os adolescentes está cristalizada como possibilidade de aquisição de bens de consumo, respeito e reconhecimento social, como uma estratégia para manter o *statu quo* dentro do grupo; as medidas socioeducativas de privação de liberdade se manifestaram como uma estrutura de reposição, de manutenção da *mesmice* heteronômica e o projeto de vida demonstrou um movimento a favor da manutenção da heteronomia.

Há tempos que muitos estudos concluem de forma correspondente que a vivência familiar é fundamental na prevenção da violência e ressocialização de adolescentes infratores (Antunes Nunes, De Sousa Andrade, & Morais, 2013; Ahonen, Loeber, & Pardini, 2015), destacando-se como importantes fatores de proteção à criminalidade juvenil (Santos, & Silva, 2011; Shepherd, Luebbbers, & Ogloff., 2016; Ortega-Campo *et al.*, 2016). As experiências no convívio familiar reveladas no presente estudo foram permeadas pela negligência, bem como por agressões físicas e psicológicas, cenário que condiz com outras pesquisas sobre adolescentes infratores (Kim, Parker, & Kim, 2016; Zappe, & Dias, 2012; Grabicoski, 2016), inclusive com a manifestação de recursos familiares que instigam o papel de criminoso (Mara, Cenci, Fisch

Teixeira, Ronaldo, & De Oliveira, 2014) e a persistência da prática de atos infracionais (Maruschi, Estevão, & Bazon, 2014). Identificou-se que esses contextos vivenciados pelos adolescentes entrevistados foram permeados por dinâmicas de características disfuncionais que influenciaram diretamente na formação da identidade heteronômica.

O conjunto de palavras codificadas no campo semântico da rede sobre a trajetória no mundo do crime e suas inter-relações adjacentes indica que a entrada e até mesmo a permanência no mundo da criminalidade pelos adolescentes ocorreram por possibilitar poder de aquisição e, também, pela conquista do respeito e reconhecimento social. Ser respeitado significa, para adolescentes infratores, ser notório e, concomitantemente, serem visíveis (Zappe, & Ramos, 2010). Essa associação com a transgressão demarca o reconhecimento perverso que pode esvaziar o potencial transformador por atender os interesses do sistema; por isso, perverso (Lima, 2010).

O processo de mesmice em que os adolescentes se encontram, regulados pelas políticas de identidade, é vinculado principalmente ao lado financeiro e ao reconhecimento social que o crime parece proporcionar (Autio, Lähteenmaa, Holmberg, & Kujala, 2016). Estudos constataram que o consumo de bens pode servir como meio de marcação social (Dantas, 2015) e como legitimador de posições conquistadas pelos indivíduos (Canclini, 2010). Entretanto, contradizendo essa lógica, um estudo afirma que o consumo pode ser um viabilizador de identidades emancipatórias, mas somente quando o sentido atribuído ao papel do consumo faz o indivíduo se tornar protagonista dessa relação, e não uma expressão de submissão de condições exteriores (Dantas, 2013). A presente investigação demonstrou a valorização da capacidade de consumismo, que atribui ao adolescente modos de vida, prazeres e desejos cada vez mais dependentes do sistema mercantil, manifestando-se como opressão da ordem sistêmica (Habermas, 2012) e, assim, influenciando na formação de uma identidade colonizada. Esse contexto instiga o indivíduo a manter o mesmo papel de identidade continuamente (Ciampa, 1987), cristalizando ainda mais o papel de criminoso.

Os resultados levantam uma reflexão quanto ao caráter educativo e ressocializador da medida de internação. A instituição de privação de liberdade tem como finalidade a ressocialização de adolescentes (Brasil, 2012c) e, para isso, deve oferecer possibilidades emancipatórias para o sujeito sair do papel de criminoso. A soma dos papéis sociais desempenhados pelo indivíduo é fundamental para definir a identidade (Sarbin, 1954), todavia, a medida socioeducativa se apresentou como uma mudança ecológica de reposições de mesmice identitária de transgressor. A

instituição deve proporcionar a superação da personagem vivida pelo indivíduo e oferecer possibilidades de formular projetos que se definam pela aprendizagem de novos valores, novas normas produzidas no próprio processo da formação da identidade, como mesmidade de aprender e agir (Ciampa, 2002).

Muitos estudos se alinham na discussão da medida de internação de adolescentes infratores como distante dos objetivos propostos, como instituições que estabelecem relações de estigmatização, marginalização e punição (Valente, & Oliveira, 2015; Scisleski *et al.*, 2015; Moreira, 2011; Klatt, Hagl, Bergman, & Baier, 2016), contrariando a doutrina de proteção integral garantida legalmente (Monte *et al.*, 2012; Brasil, 1990) .

Ainda assim, os discursos dos adolescentes revelaram a detenção como uma proteção das vulnerabilidades a que os adolescentes estavam expostos por proporcionar oportunidades de capacitação profissional por meio de cursos técnicos e outras possibilidades de relações vinculares, pelo contato com os profissionais.

Um dos elementos destacados na análise sobre as medidas de privação de liberdade foi a profissionalização técnica – nas redes, simbolizadas pela palavra “curso” –, que é capaz de oferecer possibilidades de vivência de outros papéis, podendo ser um possível potencializador da busca da identidade autônoma dos adolescentes. Nessa abordagem, na perspectiva dos adolescentes, a profissionalização pode proporcionar um papel de reconhecimento social, uma atividade funcional de aceitação coletiva. Estudos indicam a significativa importância que o trabalho possui na perspectiva emancipatória (Gadotti, 2012) e na estruturação dos processos psíquicos do sujeito, além do plano social, econômico. Sabe-se, contudo, que a relação entre trabalho e capital pode também promover a alienação dos indivíduos, a coisificação do mundo (Marx, 1988), o que condiz com a identidade heteronômica. A análise das entrevistas revelou que o papel de trabalhador oportunizado pela profissionalização técnica possui uma perspectiva de formação de sujeitos autônomos, capazes de transformar a si mesmos e a sociedade; por esse motivo, é reconhecida como uma possibilidade emancipatória

Já o contato com o educador social na instituição, que é o profissional que convive em tempo integral com o adolescente, responsável pela organização, condução, manutenção da ordem e cumprimento dos procedimentos da instituição (Moreira, 2011), demonstra a importância dos vínculos interpessoais no processo de ressocialização.

Os discursos revelaram que as relações desses profissionais com os adolescentes

infratores são ambivalentes; todavia, independentemente das experiências vivenciadas, o educador dentro da instituição se mostrou uma referência a ponto de se tornar um par de vinculações importante. Esse resultado se diferenciou de outras investigações, que apontam o papel do educador relacionado com a função de segurança ao invés da socioeducação (Santos, & Silva, 2011; da Costa, 2014) ou como parte do processo de opressão e punição institucional (Scisleski *et al.*, 2015). Isso pode ser compreendido por um cenário atual que contém elementos contribuintes para compor um novo profissional frente à cultura estabelecida, como formação acadêmica e outras exigências para contratação, novas legislações específicas e capacitação. No entanto, o reconhecimento da nova configuração desse profissional se coloca como um grande desafio.

Assim, os elementos de ensino profissionalizante e a relação com a figura do educador social se sobressaíram na vivência da medida de privação de liberdade como possibilidades de proporcionar fragmentos de emancipação aos adolescentes, facilitando novos movimentos de metamorfose identitária. Esses dados revelaram focos de investimento nas intervenções que vão ao encontro do que faz sentido para os próprios adolescentes.

A perspectiva de futuro dos adolescentes condiz com suas histórias de identidade heteronômica. Por perceberem o futuro ausente de possibilidades emancipatórias (Silva, Ruzzi-Pereira, & Pereira, 2013), reproduzem a mesmice, a colonização sem demonstração da existência de um projeto autônomo, o que pode influenciar na reincidência criminal.

A análise global das redes semânticas associada aos discursos de histórias de vida demonstrou a violência como uma significativa influência no processo de formação da identidade dos adolescentes infratores em privação de liberdade.

O envolvimento dos adolescentes na violência por meio da prática de atos infracionais funciona por meio da re-posição, aparece como um fenômeno regulatório e colonizador no processo de formação de identidade, pois pode reduzir o indivíduo a uma única personagem, a de criminoso, e levar ao impedimento da sua emancipação (Lima, 2007).

O desafio face à crescente ameaça de colonização do mundo a partir do envolvimento dos adolescentes com a violência é criar condições, relações e vivências cotidianas para que a metamorfose humana, por mais complexa que seja, não perca seu sentido emancipatório. Essa não é uma tarefa fácil, mas deve ocorrer por meio de intervenções que possibilitem a criação de novas normas, novos personagens, novos valores de vida autônomos.

5. Limitações

Existem limitações a serem abordadas que são correspondentes ao estudo. Uma delas pode ser questionada em relação ao número limitado de participantes; entretanto, existe um potencial simbólico que elimina essa lacuna (Campos, 2007). Assim, não temos a intenção de dizer que entendemos completamente a respeito do processo de construção da identidade de adolescentes infratores em privação de liberdade. Além disso, a singularidade das histórias não nos permite generalizar esses resultados, contudo, há uma representação simbólica nos casos emblemáticos entrevistados que pode ser referência para governantes e outros adolescentes. A história de vida de um participante não pretende fornecer generalizações a partir de um ponto de vista positivista; em vez disso, oferece possibilidades, foca resultados e melhorias para a vida.

Há sempre preocupação com a transcrição dos relatos, por isso, foram validadas as entrevistas com os próprios adolescentes e checadas as histórias contadas por eles em documentos e com os profissionais (assistentes sociais, psicólogos, educadores sociais, diretor) da instituição; no entanto, no objeto desta pesquisa, há relevante interesse pelo sentido do próprio sujeito na sua vivência.

A limitação desse estudo refere-se também à análise semântica, que, aplicada à língua portuguesa sofre algumas alterações pela falta de dicionários mais adequados para o procedimento. Contudo, os resultados são corroborados pelos estudos de caso, associados aos discursos das histórias de vida, de forma que sustentam sua argumentação.

6. Conclusão

As metamorfoses identitárias dos adolescentes infratores não apresentaram sentidos emancipatórios. Desse modo, o presente estudo conclui que as relações vivenciadas pelos adolescentes em privação de liberdade se revelaram como possibilidades regulatórias, impedindo o desenvolvimento da capacidade autônoma em situar-se no mundo, apropriar-se dele, decidir e construí-lo de forma independente e transformadora. Esse processo de formação de identidade heteronômica se torna um cenário favorável para a imersão no mundo do crime e, conseqüentemente, para a reincidência criminal.

Fica evidente a importância de elementos do contexto e, em especial, das medidas socioeducativas de internação como possibilidades de transições ecológicas que instiguem a vivência de novos personagens e, conseqüentemente, a formação de identidade autônoma na busca

da emancipação humana.

Os resultados deste estudo reforçam a importância do ambiente e das relações sociais na prevenção e combate à criminalidade de jovens e avançam na possibilidade de que a violência juvenil deve ser analisada numa perspectiva de formação identitária.

A análise qualitativa desta pesquisa identificou fatores de risco, focos de prevenção e intervenção para as políticas públicas na área de adolescentes infratores e medidas socioeducativas, em especial de privação de liberdade. Sugerem-se análises mais profundas de cada rede semântica para a busca de interpretações mais específicas dos núcleos temáticos averiguados nos discursos dos adolescentes.

Referencias

- Abrams, L. S., & Hyun, A. (2009). Mapping a Process of Negotiated Identity Among Incarcerated Male Juvenile Offenders. *Youth & Society*, 41(1), 26–52.
<http://doi.org/10.1177/0044118X08327522>
- Aguinsky, B. (2008). Violência e socioeducação: uma interpelação ética a partir de contribuições da Justiça Restaurativa. *Rev. Katál.*, 11(2), 257–264. <http://doi.org/10.1590/S1414-49802008000200011>
- Ahonen, L., Loeber, R., & Pardini, D. (2015). The prediction of young homicide and violent offenders. *Justice Quarterly*, 33(September), 1–27.
<http://doi.org/10.1080/07418825.2015.1081263>
- Antunes Nunes, M. C., De Sousa Andrade, A. G., & Morais, N. (2013). Adolescentes em conflito com a lei e família: um estudo de revisão sistemática da literatura. *Contextos Clínicos*, 6(2), 144–156. <http://doi.org/10.4013/ctc.2013.62.07>
- Atkinson, R. (1998). *The Life Story Interview*. 2455 Teller Road, Thousand Oaks California 91320 United States of America: SAGE Publications, Inc.
<http://doi.org/10.4135/9781412986205>
- Autio, M., Lähteenmaa, J., Holmberg, U., & Kujala, J. (2016). Young consumer identity in a restrictive school environment — Addictive substances, symbolic goods and consumer skills. *Children and Youth Services Review*, 68, 100–106.

<http://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2016.07.003>

- Brasil. Secretaria de Direitos Humanos(SDH). (2012a). *Atendimento Socioeducativo ao Adolescente em Conflito com a Lei. Relatório Oficial da Secretaria dos Direitos Humanos*. Brasília. <http://www.sdh.gov.br/assuntos/criancas-e-adolescentes/pdf/SinaseLevantamento2011.pdf>
- Brasil. Conselho Nacional de Justiça (CNJ). (2012b). *Panorama Nacional. A Execução das Medidas Socieducativas de Internação*. Brasília. <http://www.sdh.gov.br/assuntos/criancas-e-adolescentes/pdf/SinaseLevantamento2011.pdf>
- Brasil. Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase).(2012c) . *Presidência da República. Casa Civil- Subchefia para Assuntos Jurídicos*. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/112594.htm
- Brasil. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).(1990), Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm
- Brasil. Secretaria de Direitos Humanos (SDH). (2015). *Levantamento anual sinase 2013. Privação e restrição de liberdade*. Brasília. <http://www.sdh.gov.br/noticias/pdf/levantamento-2013>
- Campos, A. de O. (2007). *Identidade ativista e autonomia: o Movimento de Resistência Global e a emancipação dos sujeitos em um mundo dominado*. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO -2007. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. <https://www.mendeley.com/viewer/?fileId=79b77bb8-77b3-f58d-64b9-7e47dbec46c4&documentId=32ffcd27-32b0-3e46-8d59-36149ef7e4fc>
- Canclini, N. G. (2010). *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Ciampa, A. C. (1984). Identidade. In S. T. M. Lane & W. Codo (Orgs.), *Psicologia Social – O homem em movimento* (pp. 58-75). São Paulo: Brasiliense.
- Ciampa, A. da C. (1987). *A estória do Severino e a História da Severina: Um ensaio de psicologia social*. São Paulo SP: Editora Brasiliense.
- Ciampa, A. C. Políticas De Identidade E Identidades Políticas.(2002). In. Dunker, C. I. L. & Passos,

- M. C., “*Uma Psicologia que se Interroga – Ensaios*”. São Paulo, Edicon.
- Cleland, A. (2016). Portrait of the Accused as a Young Man: New Zealand’s Harsh Treatment of Young People who Commit Serious Crimes. *The Round Table*, 105(4), 377–387.
<http://doi.org/10.1080/00358533.2016.1205360>
- Concha, P. M., Iglesias, D. J. R., & V. Comim, D. F. (2013). The influence of social vulnerability and illicit drug use on recidivism of young offenders - doi: 10.5102/rbpp.v3i1.1917. *Revista Brasileira de Políticas Públicas*, 3(1). <http://doi.org/10.5102/rbpp.v3i1.1917>
- Cuervo, K., & Villanueva, L. (2015). Analysis of Risk and Protective Factors for Recidivism in Spanish Youth Offenders. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 59(11), 1149–1165. <http://doi.org/10.1177/0306624x14557917>
- da Costa, R. P. (2014). *Estudo sobre as funções do educador social na política de socioeducação do Paraná*. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Estudos Sociais Aplicados. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social.
<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000195687>
- Dantas, S. S. (2015). Consumo e Políticas de Identidade: um Estudo sob a Ótica dos Bens Posicionais 1. In *Comunicon2015 - Congresso Internacional Comunicação e Consumo*. São Paulo.
- Dantas, S. S. (2013). *De refém a protagonista: o desenvolvimento de identidades políticas e projetos de vida tornando o consumo um viabilizador de identidades emancipadas*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP.
<https://drive.google.com/file/d/0B53By1TUyXnUQTlxbEdROWljcjQ/view?ts=58669b5e>
- Dantas, S. S., & Ciampa, A. da C. (2014). Projeto de vida e identidade política: um caminho para a emancipação. *Psicologia*, 5(2).
- Drieger, P. (2013). Semantic Network Analysis as a Method for Visual Text Analytics. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 79, 4–17. <http://doi.org/10.1016/j.sbspro.2013.05.053>
- Entorf, H., & Winker, P. (2008). Investigating the drugs–crime channel in economics of crime models: Empirical evidence from panel data of the German States. *International Review of Law and Economics*, 28(1), 8–22. <http://doi.org/10.1016/j.irl.2007.12.004>
- Entorf, H. (2012). Expected recidivism among young offenders: Comparing specific deterrence

- under juvenile and adult criminal law. *European Journal of Political Economy*, 28(4), 414–429. <http://doi.org/10.1016/j.ejpoleco.2012.03.002>
- Epskamp, S., Costantini, G., Haslbeck, J., Cramer, A. O. J., Waldorp, L. J., & Borsboom, V. D. S. and D. (2016). qgraph: Graph Plotting Methods, Psychometric Data Visualization and Graphical Model Estimation. <http://sachaepskamp.com/qgraph>
- Feinerer, I. (2015). Introduction to the tm Package: Text Mining in R. *R Vignette*, 1–8. <http://doi.org/10.1201/9781420068740>
- Gadotti, M. (2012). II Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica Trabalho e Educação Numa Perspectiva Emancipatória. In *TRABALHO E EDUCAÇÃO NUMA PERSPECTIVA EMANCIPATÓRIA*. Florianópolis .
- Gavel, D. W., & T. Mandracchia, J. (2016). Who do you think you are? An initial investigation of ego identity development and criminogenic thinking among incarcerated offenders. *Journal of Criminal Psychology*, 6(3), 102–113. <http://doi.org/10.1108/JCP-04-2016-0013>
- Grabicoski, B. (2016). *Avaliação de pais de adolescentes em conflito com a lei*. UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ. <http://tede.utp.br:8080/jspui/handle/tede/1040>
- Habermas, J. (2012). *Teoria do agir comunicativo, 1: racionalidade da ação e racionalização social*. São Paulo.: WMF Martins Fontes.
- Hoeve, M., McReynolds, L. S., & Wasserman, G. A. (2014). Service Referral for Juvenile Justice Youths: Associations with Psychiatric Disorder and Recidivism. *Administration and Policy in Mental Health and Mental Health Services Research*, 41(3), 379–389. <http://doi.org/10.1007/s10488-013-0472-x>
- Jimenez, L., Meireles Andrade, E., Guimarães, L., & Bianchini, B. (2016). Uso de drogas e ato infracional: Revisão integrativa de artigos brasileiros. *Rev. latinoam. cienc. soc. niñez Juv Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales*, 14(142), 939–955. <http://doi.org/10.11600/1692715x.14204170715>
- Johns, D. F., Williams, K., & Haines, K. (2016). Ecological Youth Justice: Understanding the Social Ecology of Young Peoples Prolific Offending. *Youth Justice*, 1473225416665611. <https://doi.org/10.1177/1473225416665611>
- Joo, H. J., & Jo, Y. (2015). Family, School, Peers, and Recidivism Among South Korean

- Juvenile Offenders: an Event History Analysis. *Asian Journal of Criminology*, 10(1), 99–116. <http://doi.org/10.1007/s11417-015-9205-2>
- Kim, E. Y., Park, J., & Kim, B. (2016). Type of childhood maltreatment and the risk of criminal recidivism in adult probationers: a cross-sectional study. *BMC Psychiatry*, 16(1), 294. <http://doi.org/10.1186/s12888-016-1001-8>
- Klatt, T., Hagl, S., Bergmann, M. C., & Baier, D. (2016). Violence in youth custody: Risk factors of violent misconduct among inmates of German young offender institutions. *European Journal of Criminology*, 13(6), 727–743. <http://doi.org/10.1177/1477370816643733>
- Koehler, J. A., Lösel, F., Akoensi, T. D., & Humphreys, D. K. (2013). A systematic review and meta-analysis on the effects of young offender treatment programs in Europe. *Journal of Experimental Criminology*, 9(1), 19–43. <http://doi.org/10.1007/s11292-012-9159-7>
- Kolyniak, H. M., & Ciampa, A. D. C. (1993). Corporeidade e dramaturgia do cotidiano. *Discorpo: revista do Departamento de Educação Física e Esportes da PUC-SP*, 2.
- Lima, A. F. de. (2010). *Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso: a identidade na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: EDUC.
<http://books.google.com/books?id=WvCmcQAACAAJ>
- Lima, A. F. de. (2007). Para uma reconstrução dos conceitos de massa e identidade. *Revista Psicologia Política*, 7(14), 0–0. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v7n14/v7n14a03.pdf>
- Listenbee, R. L. (2013). *PTSD, Trauma, and Comorbid Psychiatric Disorders in Detained Youth*. *Juvenile Justice Bulletin*. Washington, DC. Retrieved from www.iacpyouth.org/Portals/0/Resources/Comorbid_Psychiatric_Disorders.pdf
- Lou F., R. L. G., & Carr. (2004). Lifelines: a life history methodology. *Nursing Research*, 53(3), 207–210. <http://doi.org/00006199-200405000-00008> [pii]
- Mara, C., Cenci, B., Fisch Teixeira, J., Ronaldo, L., & De Oliveira, F. (2014). Lealdades Invisíveis: Coparticipação da Família no Ato Infracional. *Pensando Famílias*, 18(1), 35–44.
- Margari, F., Craig, F., Margari, L., Matera, E., Lamanna, A. L., Lecce, P. A., ... Carabellese, F. (2015). Psychopathology, symptoms of attention-deficit/hyperactivity disorder, and risk factors in juvenile offenders. *Neuropsychiatric Disease and Treatment*, 11, 343–52. <http://doi.org/10.2147/NDT.S75942>

- Maruschi, M. C., Estevão, R., & Bazon, M. R. (2014). Conduta infracional na adolescência : fatores associados e risco de reincidência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 82–99.
- Marx, K. (1988). *O Capital*. (3ª). São Paulo.: Nova Cultural.
- McGuinness, T. (2016). The age of criminal responsibility Contents: 1. The ages of criminal responsibility in the UK 2. Criticisms and calls for change 3. The Governments' position. *House of Commons Library, Number 768*, 15. Retrieved from http://dera.ioe.ac.uk/27170/2/CBP-7687_Redacted.pdf
- Miranda, S. F. (2014). IDENTITY UNDER THE PERSPECTIVE OF CRITICAL SOCIAL PSYCHOLOGY: REVISITING THE WAYS OF EDIFICATION OF A THEORY. *Revista de Psicologia*., 5(2), 124–137. <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/psicologiaufc/article/view/1481/1379>
- Monte, Félix De Carvalho, F., & Rodrigues Sampaio, L. (2012). Pedagogical Practices and Morality in an Institution for Transgressor Adolescents. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 25(2), 368–377. <http://www.scielo.br/pdf/prc/v25n2/a19v25n2>
- Moore, E., Gaskin, C., & Indig, D. (2013). Childhood maltreatment and post-traumatic stress disorder among incarcerated young offenders. *Child Abuse & Neglect*, 37(10), 861–870. <http://doi.org/10.1016/j.chiabu.2013.07.012>
- Moreira, R. R. (2011). *Meninos do cense - As relações de estigmatização, violência e disciplinarização de adolescentes em conflito com a Lei internados*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Instituto de Letras -.
- Murray, J., Maughan, B., Menezes, A. M. B., Hickman, M., MacLeod, J., Matijasevich, A., ... Barros, F. C. (2015). Perinatal and sociodemographic factors at birth predicting conduct problems and violence to age 18 years: comparison of Brazilian and British birth cohorts. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, and Allied Disciplines*, 56(8), 914–22. <http://doi.org/10.1111/jcpp.12369>
- Nardi, F. L., & Dell'Aglio, D. D. (2014). Trajetória de Adolescentes em Conflito com a Lei Após Cumprimento de Medida Socioeducativa em Meio Fechado. *Psico*, 45(4), 541. <http://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.4.12978>
- Navarro-Pérez, J. J., & Pastor-Seller, E. (2016). Factores dinámicos en el comportamiento de delincuentes juveniles con perfil de ajuste social. Un estudio de reincidencia.

- Psychosocial Intervention*. <http://doi.org/10.1016/j.psi.2016.08.001>
- Ortega-Campos, E., García-García, J., Gil-Fenoy, M. J., Zaldívar-Basurto, F., Mannheim, H., Ortega, E., ... Davidson, W. (2016). Identifying Risk and Protective Factors in Recidivist Juvenile Offenders: A Decision Tree Approach. *PLOS ONE*, *11*(9), e0160423. <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0160423>
- Patton, M. (1990). Qualitative Evaluation and Research Methods. *Qualitative Evaluation and Research Methods*, 169–186. <http://doi.org/10.1002/nur.4770140111>
- Piquero, A. R., Piquero, N. L., & Underwood, M. K. (2016). Correlates of--and Consequences for--Bully-Victims in a Sample of Serious Adolescent Offenders. *Youth Violence and Juvenile Justice*. <http://doi.org/10.1177/1541204016657396>
- R Core Team. (2015). R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing. Vienna, Austria. <https://www.R-project.org/>
- Ramchand, R., Morral, A. R., & Becker, K. (2009). Seven-Year Life Outcomes of Adolescent Offenders in Los Angeles. *American Journal of Public Health*, *99*(5), 863–870. <http://doi.org/10.2105/AJPH.2008.142281>
- Rengifo, T. de J. S. (2014). Interpretación Indebida de la Norma Respecto al Internamiento de Menores Infractores. *Docentia et Investigatio*, *16*(1), 111–126.
- Rocque, M., Posick, C., & Paternoster, R. (2016). Identities Through Time: An Exploration of Identity Change as a Cause of Desistance. *Justice Quarterly*, *33*(1), 45–72. <http://doi.org/10.1080/07418825.2014.894111>
- Santos, W. L. dos; Silva, M. A. da. (2011). O educador social: uma função socioeducativa ou de segurança? *Serviço Social Em Revista - Universidade Estadual de Londrina (UEL)*, *14*(p.102-123.). <http://doi.org/10.5433/1679-4842.2011v14n1p102>
- Sarbin, T. (1954). Role theory. In L. Gardner & Aronson, E. (Eds.), *Handbook of social psychology* (pp. 223-258). Cambridge: Addison-Wesley.
- Sarbin, T. R., & Scheibe, K. E. (1983). *Studies in social identity*. Praeger. Retrieved from https://books.google.com.br/books/about/Studies_in_Social_Identity.html?id=0ia4AAAAIAAJ&redir_esc=y
- Schaefer, S., & Erickson, G. (2016). *The Impact of Juvenile Correctional Confinement on the*

Transition to Adulthood. <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/grants/249925.pdf>

- Scisleski, A. C. C., Bruno, B. S., Galeano, G. B., Santos, S. N. dos, Silva, J. L. C. da, Scisleski, A. C. C., ... Silva, J. L. C. da. (2015). Medida socioeducativa de internação: estratégia punitiva ou protetiva? *Psicologia & Sociedade*, 27(3), 505–515. <http://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n3p505>
- Shepherd, S. M., Luebbers, S., & Ogloff, J. R. P. (2016). The Role of Protective Factors and the Relationship With Recidivism for High-Risk Young People in Detention. *Criminal Justice and Behavior*, 43(7), 863–878. <http://doi.org/10.1177/0093854815626489>
- Sherretts, N., Boduszek, D., & Debowska, A. (2016). Exposure to criminal environment and criminal social identity in a sample of adult prisoners: The moderating role of psychopathic traits. *Law and Human Behavior*, 40(4), 430–439. <http://doi.org/10.1037/lhb0000188>
- Shulman, E. P., & Cauffman, E. (2011). Coping While Incarcerated: A Study of Male Juvenile Offenders. *Journal of Research on Adolescence*, 21(4), 818–826. <http://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2011.00740.x>
- Silva, D. C. de O., Ruzzi-Pereira, A., & Pereira, P. E. (2013). Fatores protetivos à reincidência ao ato infracional—concepções de adolescentes em privação de liberdade. *Cadernos de Terapia Ocupacional Da UFSCar*, 21(3).
- Silvestre, M. J., Fialho, I., & Saragoça, J. (2015). Da palavra à construção de conhecimento - Meta-avaliação de um Guião de Entrevista semi-estruturada. *CIAIQ2014*, 3(0).
- Terra, L. M. (2010). Identidade bandida: a construção social do estereótipo marginal e criminoso. *Revista LEVS*, 0(6).
- Tong, A., Sainsbury, P., & Craig, J. (2007). Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): A 32-item checklist for interviews and focus groups. *International Journal for Quality in Health Care*, 19(6), 349–357. <http://doi.org/10.1093/intqhc/mzm042>
- Valente, F. P. R., & Oliveira, M. C. S. L. de. (2015). Para além da punição: (re)construindo o conceito de responsabilização socioeducativa. *Estudos E Pesquisas Em Psicologia*, 15(3), 853–870. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000300005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Wagenmakers, E., Wetzels, R., Borsboom, D., & van der Maas, H. L. J. (2011). Why

psychologists must change the way they analyze their data: The case of psi: Comment on Bem (2011). *Journal of Personality and Social Psychology*, 100(3), 426–432.

<https://doi.org/10.1037/a0022790>

Zappe, J. G., & Dias, A. C. G. (2012). Violência e fragilidades nas relações familiares: refletindo sobre a situação de adolescentes em conflito com a lei. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 17(3), 389–395. <http://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300006>

Zappe, J. G., & Ramos, N. V. (2010). Profile of adolescents deprived of freedom in Santa Maria/RS. *Psicologia E Sociedade*, 22(2), 365–373. <http://doi.org/10.1590/S0102-71822010000200017>

Zhang, H., Zhao, R., Zhao, J. S., & Ren, L. (2016). The impact of child sexual abuse and psychological distress on delinquency among incarcerated juveniles in China. *Crime, Law and Social Change*, 66(5), 447–464. <http://doi.org/10.1007/s10611-016-9637-3>

Zhang, J., & Zhang, Y. (2016). The Effect of a Cognitive Behavioral Treatment Program for Male Young Delinquents in Guangzhou: A Pilot Study. *International Journal of Psychological Studies*, 8(3), 123. <http://doi.org/10.5539/ijps.v8n3p123>

CAPÍTULO IV

4.1 CONCLUSÃO

A violência na juventude é uma questão complexa e multifatorial, portanto, os esforços de prevenção e combate exigem intervenções integradas entre vários setores da sociedade.

Com relação à autoagressão, o estudo demonstrou uma associação positiva entre indicadores socioeconômicos e altas taxas de mortalidade por suicídio na população jovem do Paraná, revelando que a privação socioeconômica foi um determinante importante para esse fenômeno. Com relação à heteroagressão, os resultados apresentaram as influências regulatórias do contexto na formação da identidade heterônoma dos adolescentes infratores, impedindo a emancipação humana e favorecendo a imersão no mundo do crime.

As discussões em torno da violência reforçam e evidenciam a significativa influência das relações sociais no desenvolvimento, comportamento e formação da identidade dos jovens. Após análises dos estudos sobre as diferentes expressões de violência praticada por adolescentes, verificou-se que a população jovem está expressivamente suscetível a variáveis socioeconômicas e à influência do contexto tanto no cometimento da auto como da heteroagressão.

Conclui-se com este estudo que, enquanto o cenário social de privações altamente regulador e opressor fizer parte das relações e formação da identidade dos jovens, o protagonismo juvenil poderá se perpetuar na prática da violência em suas diferentes formas, sem espaço para a emancipação humana.

Assim, pretende-se que este estudo ajude na compreensão dos fatores de risco como subsídios para orientar o trabalho de gestores, profissionais e instituições da área na formulação de políticas de estratégias de prevenção e combate a diversas formas de violência envolvendo jovens.

4.2 PERSPECTIVAS FUTURAS

Pensar em prevenção e intervenções em situações de risco e violência para jovens é um desafio, e esta pesquisa vem auxiliar na construção de conhecimentos acerca dessa temática e contribuir com subsídios para que as diversas instâncias da sociedade civil e dos setores governamentais aprofundem os investimentos em nível compatível com a gravidade do problema.

Espera-se, portanto, que a presente pesquisa possibilite a visibilidade e a disseminação de informações que permitam orientar os esforços das políticas públicas e da sociedade, fazendo valer o que já está previsto legalmente, na garantia de um desenvolvimento sadio e de proteção integral, com a perspectiva de se mudar o foco dos jovens de protagonistas no fenômeno da violência para protagonistas da sua própria história de vida, permeada por atitudes ativas, saudáveis, autônomas e de responsabilidade social.